

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: CULTURA, EDUCAÇÃO E
LINGUAGENS - PPGCEL

LARISSA SILVA ALVES

**OS DISCURSOS FEMINISTAS SOB A ÓTICA DAS JOVENS ESTUDANTES DO
INSTITUTO FEDERAL DA BAHIA, CAMPUS DE VITÓRIA DA CONQUISTA**

VITÓRIA DA CONQUISTA
2020

LARISSA SILVA ALVES

**OS DISCURSOS FEMINISTAS SOB A ÓTICA DAS JOVENS ESTUDANTES DO
INSTITUTO FEDERAL DA BAHIA, CAMPUS DE VITÓRIA DA CONQUISTA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens – PPGCEL, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras: Cultura, Educação e Linguagens.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Adriana M^a de Abreu Barbosa

VITÓRIA DA CONQUISTA
2020

A48d

Alves, Larissa Silva.

Os discursos feministas sob a ótica das jovens estudantes do Instituto Federal da Bahia, campus de Vitória da Conquista. / Larissa Silva Alves, 2020.

87f. il. ; (algumas color.).

Orientador (a): Dr^a. Adriana M^a de Abreu Barbosa.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens - PPGCEL, Vitória da Conquista, 2020.

Inclui referência F. 75 – 77.

1. Feminismo – Discurso. 2. Gênero e feminismo - Conceito. 3. Educação básica – Ensino técnico. I. Barbosa, Adriana M^a de Abreu. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens - PPGCEL. T. III.

CDD: 305.42

LARISSA SILVA ALVES

**OS DISCURSOS FEMINISTAS SOB A ÓTICA DAS JOVENS ESTUDANTES DO
INSTITUTO FEDERAL DA BAHIA, CAMPOS DE VITÓRIA DA CONQUISTA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, pela seguinte banca:

Prof.^a Dr.^a Adriana M^a de Abreu Barbosa
(Orientadora)
Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, UESB

Prof.^a Dr.^a Núbia Regina Moreira
Departamento de Filosofia e Ciências Humanas, UESB

Prof.^a Dr.^a Marília Flores Seixas
Departamento de Filosofia e Ciências Humanas, UESB

VITÓRIA DA CONQUISTA

2020

RESUMO

Objetiva-se com o presente trabalho analisar os discursos feministas entre as jovens estudantes do ensino técnico em Instituto Federal da Bahia, campus de Vitória da Conquista - BA. A observar o conceito de gênero e feminismo, considerando que as entrevistadas se afirmam no sexo feminino, buscamos compreender, a partir de suas experiências pessoais e de sua realidade, a forma como este conceito é apreendido. A partir de pesquisa qualitativa, sob método de análise do discurso, tendo como foco averiguar as significações da realidade dos sujeitos humanos, investigar como é percebido os referidos conceitos entre essas estudantes. Assim, embasado nos estudos sobre gênero, feminismo, movimento feminista e empoderamento por: Simone de Beauvoir, Carla Cristina Garcia; Tereza de Lauretis; Marlise Matos e Joice Berth, nos estudos sobre Análise Crítica do Discurso (ACD) de Teun A. van Dijk e Patrick Charaudeau, considerando os conceitos da representação e lugar de fala por Djamila Ribeiro, em paralelo com o conceito de empoderamento feminino, refletir acerca das possíveis influências causadas na realidade social dessas estudantes.

Palavras-Chave: Discurso; Feminismo; Gênero; Educação Básica

ABSTRACT

The aim of the present work is to analyze feminist discourses among young students of technical education in the Federal Institute of Bahia, campus of Vitória da Conquista - BA. In order to observe the concept of gender and feminism, considering that the interviewees affirm themselves to be female, we seek to understand, from their personal experiences and their reality, the way this concept is apprehended. From qualitative research, under discourse analysis method, focusing on verifying the meanings of the reality of human subjects, investigating how these concepts are perceived among these students. Thus, based on studies on gender, feminism, feminist movement and empowerment by: Simone de Beauvoir, Carla Cristina Garcia; Tereza de Lauretis; Marlise Matos and Joice Berth, in the studies on Critical Discourse Analysis (ACD) by Teun A. van Dijk and Patrick Charaudeau, considering the concepts of representation and place of speech by Djamila Ribeiro, in parallel with the concept of female empowerment, reflect on possible influences on the social reality of these students.

Key words: Speech; Feminism; Genre; Basic education

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 ENTENDENDO O FEMINISMO	9
1.1 Teoria do feminismo e seus múltiplos contextos	9
1.2 A Mulher Independente de Simone de Beauvoir e o Feminismo.....	16
1.3 Representação e Feminismo.....	18
1.4 Representações Epistemológicas.....	23
1.5 O Lugar de Fala, Discurso e Formação Discursiva.....	24
1.6 Empoderamento.....	26
1.6.1 Breve histórico de empoderamento.....	28
1.7 A Incidência do Feminismo na Pós Modernidade.....	29
1.7.1 Perspectiva empírica com a história do feminismo no Brasil.....	35
2 METODOLOGIA	Erro! Indicador não definido. 38
2.1 Percurso de investigação –Entrevista em grupo.....	38
2.2 Análise do Discurso em Patrick Charaudeau e Teun A. van Dijk.....	42
2.3 Sujeitas da Pesquisa.....	47
3 DISCURSOS DAS ESTUDANTES ACERCA DO FEMINISMO	49
3.1 Gênero: feminino e masculino?.....	49
3.1.1 Gênero.....	52
3.2 Feminismo: Vocês se consideram feministas?.....	57
3.2.1 Movimento social feminista: apropriação discursiva.....	62
3.3 Empoderamento	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
REFERÊNCIAS	74
ANEXO	77
ANEXO A e B.....	77
ANEXO C.....	78
ANEXO D.....	83

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por ter me dado força, perseverança e saúde para continuar essa jornada, escolhida por mim e incentivada por meu pai.

Agradeço a Capes por ter me proporcionado a bolsa de mestrado, no período de um ano. Em especial, gratidão a minha orientadora Prof^a Dr^a Adriana Maria de Abreu Barbosa, pelo comprometimento e pela confiança em meu trabalho.

Gratidão a todos os professores do PPGCEL por ofertarem conhecimento e possibilitar transformações na minha vida pessoal e acadêmica. À minha amiga Rose, por me preparar teoricamente com textos feministas que contribuíram para a pesquisa e para vida. Aos demais colegas, muito obrigada por compartilhar momentos de experiências e boas distrações nos encontros extra-acadêmicos.

Aos meus pais, muito obrigada por tudo! Pai, não tenho palavras para descrever a importância dos nossos momentos de diálogos neste processo, lembro de cada palavra sua e dos ensinamentos. Mãe, você é tudo pra mim! À minha irmã e minha sobrinha, obrigada por torcerem positivamente para que esse momento acontecesse. Eu amo vocês!

Cabe aqui um pedido de desculpa e de gratidão a minha pequena Elis e a Tiago, por me acompanharem neste percurso.

Prof^a Dr^a Núbia Regina Moreira, tenho você como referência de pessoa e de mulher, para sempre. Gratidão!

INTRODUÇÃO

Esta dissertação traduz inquietações pessoais sobre a condução das representatividades do feminismo e a forma como ele é concebido pelas adolescentes nascidas a partir do ano 2000, com faixas etárias entre 18 e 19 anos. Inquietações que nasceram na formação acadêmica, em Ciências Sociais, e amadureceram durante o Mestrado em Letras: Cultura, Educação e Linguagens, nos estudos sobre linguagem, discurso e práticas sociais. Esse trabalho estabelece uma relação dialógica com as estudantes do sexo feminino do Instituto Federal da Bahia, campus de Vitória da Conquista/Ba e a evolução do feminismo seguindo a repartição das “ondas”.

De modo geral, podemos ver as principais características da repartição das ondas que se destacam na breve história do feminismo, por Carla Cristina Garcia (2013). Na primeira onda do movimento feminista, nota-se a presença de um discurso político feminista preocupado em incluir a mulher nas eleições com o direito de voto e sua entrada no espaço público. Na segunda onda, argumenta-se a existência dos direitos fundamentais¹ e humanos que era uma das pautas que justificavam a avaliação da igualdade pela diferença. Já que o sexo biológico possuía poucos parâmetros para explicar comportamentos entre as diferenças sexuais pela ótica social, o feminismo recorreu à definição de gênero para explicar que existiam privilégios sociais do gênero masculino em detrimento do feminino. As tentativas de igualdade pela diferença não pararam por aí. Foi necessário incluir conceitos sobre gênero para impactar as redes normativas e estruturalistas da sociedade. As problematizações referentes à terceira onda se encaixam no processo de adaptação das narrativas amplificadas da modernidade e pós-modernidade: momento de valoração das subjetividades que implicam problematizações referentes às inconstâncias dos gêneros, concernentes a discussões sobre feminismo, que se estendem para a quarta (4^a) onda do feminismo.

Dada às linhagens construtivas das repartições do movimento feminista, selecionamos para esta pesquisa um público específico: estudantes do sexo feminino da geração de 2000. A descrição do *corpus* dita exatamente o caminho pelo qual percorrerá essa investigação. Apoiando-se na análise do discurso para detalhar como se dá a formação discursiva e filiação discursiva das jovens estudantes em relação à repartição das ondas do feminismo, busca-se também filtrar elementos discursivos presentes na prática cotidiana.

¹¹ Ao partirmos da perspectiva do Direito (Gramática dos Direitos Humanos), a Declaração de 1948 buscando conciliar liberalismo com o igualitarismo estabelece que “as desigualdades naturais deverão ser corrigidas por uma igualdade socialmente construída por seres racionais capazes de agir naturalmente, fraternalmente.” (p.27)

O corpus da pesquisa “os discursos feministas sob a ótica das jovens estudantes do Instituto Federal da Bahia, campus de vitória da conquista” encaixa-se ao método da análise do discurso a partir da técnica de investigação em pesquisa qualitativa, que é o grupo focal, limitado nessa pesquisa como uma entrevista em grupo. “O grupo focal capta uma multiplicidade de perspectivas e de processos emocionais no interior de um grupo.” (Gibbs,1997:s/p). A técnica consiste na escolha de uma temática, “O que você pensa sobre o feminismo?”, direcionada ao grupo da pesquisa e em interação com as demais participantes do grupo, deixando-as à vontade para expressar, mas evitando a fuga do tema. De modo geral, esta técnica está alinhada pelo discurso e pela teoria do discurso, pois o conceito de discurso curva-se não apenas no conteúdo, mas, sobretudo, na forma como os sujeitos se expressam. Portanto, a técnica da entrevista em grupo está alinhada com o teórico-metodológico das teorias do discurso, o que legitima essa análise. Se tratando desse método de análise, refere-se aqui em analisar e reconhecer as filiações que os discursos feministas (da primeira até a quarta onda) propõem apresentar e tornar-se presente na realidade dos discursos dessas estudantes. Adaptamos o termo “entrevista em grupo” utilizando algumas técnicas de investigação do “grupo focal”. As limitações metodológicas referentes à técnica da entrevista em grupo foram de cunho adaptativo nesta pesquisa. Primeiramente, pela dificuldade em selecionar mais de cinco estudantes entre as demais turmas da instituição, portanto considera-se que, ao invés do uso da técnica do grupo focal, utilizamos apenas algumas características da técnica e denominamos por Entrevista em grupo. Assim, propomos considerar a vida cotidiana das estudantes e o fluxo das suas experiências pessoais, principalmente por se tratar da existencialidade feminina, observando através do discurso elementos do feminismo na prática.

Diante esse cenário, o presente trabalho tem como objeto o discurso feminista das jovens estudantes, visando elucidar como discursos e práticas sociais próprios ao(s) feminismo(s) são apropriados e veiculados no contexto prático do cotidiano. Justificamos que, com essa pesquisa, há necessidade de interpretação do pensamento de jovens estudantes do sexo feminino de escola pública em relação a temas contemporâneos como feminismo, movimento feminista e empoderamento, pois se notam contradições na prática que enfraquecem a equidade e a condução coletiva entre as demais mulheres e semelhantes. Com respeito e cuidado na apropriação dos dados para a presente investigação, buscamos compreender como o discurso feminista, em suas diversas facetas, é apropriado por jovens estudantes de escola pública, especificamente no Instituto Federal da Bahia, campus de Vitória da Conquista, BA. A escolha dessa instituição iniciou-se por noticiários de um evento escolar que ocorreu e que, coincidentemente, era sobre violência contra a mulher e

feminismo. Cartazes espalhados pelos corredores da escola com as seguintes expressões: Relatos de assédio na graduação do IFBA; Respeita as minas! – Já é hora de dar um basta na violência contra as mulheres. (ANEXO A E ANEXO B)

Para investigar, partimos da hipótese que ao apontar que as interações em redes sociais e a exposição ao discurso midiático televisivo importam em desvios conceituais no processo de apropriação de idéias feministas e sua veiculação em contextos escolares e pessoais. Para esta, teremos a discussão com Teun A. van Dijk, em Discurso e poder.

A composição analítica deste trabalho envolve conteúdos teóricos sobre as teorias de gênero e feminismo, além da teoria da análise do discurso que servirá para apresentar os entraves conceituais literários e científicos condizentes com as visões pós moderna. Estas visões referem-se à percepção sobre feminismo apresentada pelas jovens estudantes durante a comunicação oral da entrevista. O uso do termo “comunicação” corresponde ao aspecto da ação prática de investigação.

1 ENTENDENDO O FEMINISMO – LINHA DO TEMPO

1.1 Teorias do feminismo: evolução e seus múltiplos contextos

Tenho certeza de que essas estruturas [autoritárias e preconceituosas] estão explodindo graças à emancipação da mulher e das etnias oprimidas, minando o patriarcado/capitalismo em suas próprias raízes no inconsciente das crianças. Inclusive o homem já está iniciando a sua transformação. Se não houver uma revolução do homem, a revolução da mulher ficará pela metade, e nada acontecerá. E a revolução de ambos não é uma nova competição, mas a vivência concreta do amor. Resta-nos, portanto, ajudar esse novo mundo a nascer. (Rose Marie Muraro)

Ao iniciarmos esse trabalho, pensando nessa frase acima, da escritora intelectual Rose Muraro, retirada da contra capa do seu livro “*Um mundo novo em gestação*” (2003), podemos vislumbrar esperanças em nossas lutas feministas visando a um mundo melhor. Assim, esta frase propõe-nos uma ideia de esperança e perseverança diante das investidas pelas quais as mulheres intercederam dentro das organizações políticas e sociais do feminismo. Essas investidas se destacaram e mobilizaram estruturas que, há muitos anos, perpetuavam sob a

hegemonia masculina que fora construída e conduzida por uma rede cultural chamada: Patriarcado, que...

(...) pode ser definido como: forma de organização política, econômica, religiosa, social baseada na idéia de autoridade e liderança do homem, no qual se dá o predomínio dos homens sobre as mulheres; do marido sobre esposas, do pai sobre a mãe, dos velhos sobre os jovens, e da linhagem paterna sobre a materna. O patriarcado surgiu da tomada de poder histórico por parte dos homens que se apropriaram da sexualidade e reprodução das mulheres e seus produtos: os filhos, criando ao mesmo tempo uma ordem simbólica por meio dos mitos e da religião que o perpetuam como única estrutura possível. (GARCIA, 2015, p.16-17)

Em busca de desenvolver um trabalho que apresente percepções sobre o feminismo, trataremos neste capítulo dos múltiplos conceitos sobre este, condizente com as fases e contexto histórico, o que facilitará a compreensão do que foi averiguado nos discursos das estudantes contemporâneas. A priori, entre as discussões que envolvem indicadores sociais e suas interações interdependentes, pode-se destacar o conceito de gênero, como precursor de desdobramentos futuros, correspondentes a questões atuais no ramo das representações sociais.

O procedimento teórico compõe-se da teoria de gênero de Tereza Lauretis (1994) que abarcam tanto estudos sobre gênero quanto questionamentos sobre feminismo. A autora estabelece relações conceituais sobre sexualidade e diferença, concomitante ao significado da palavra “mulher”. Apoiando-se na noção de que gênero e feminismo são conceitos que interligam aos aspectos biológicos, culturais e representativos², a perspectiva desta autora consiste, inicialmente, em discutir sobre o conceito de gênero abordado pelas escritoras femininas da década de 60 e 70, que está atrelado à “diferença sexual”.

O conceito de gênero aplicado em diversos espaços sociais gerou uma gama de complexas interpretações e debates. Nesse sentido, Lauretis afirma que

O conceito de gênero como diferença sexual e seus conceitos derivados – a cultura da mulher, a maternidade, a escrita feminina, a feminilidade, etc. – acabaram por se tornar uma limitação como que uma deficiência do pensamento feminista. (LAURETIS, p.206).

² O conceito de representação apoia-se a idéia de “referência”, portanto condiz ao aspecto social que o individuo é equiparado pelo imaginário coletivo. – Conceito explicado por Émile Durkheim, em *As formas elementares da vida religiosa*, em 1912.

Pensando por esse viés, essas limitações conceituais existem pelas diversas formas e interpretações com que as mulheres limitam “seu feminismo”. A exemplo dessas limitações, trazemos nesta dissertação elementos discursivos apresentadas por jovens da geração atual (de 2000 à 2019) presentes nas múltiplas representações que o movimento trouxe para a sociedade.

Ao partirmos da abordagem referente à categoria sexo/sexual, a “diferença sexual” nada mais é que a diferença entre a mulher e o homem, o feminino e o masculino. Além destes, é notória a existência de limitações conceituais no campo das ciências. Dessa forma, Lauretis destaca duas limitações: a primeira refere-se ao “pensamento crítico feminista ao arcabouço conceitual de uma oposição universal do sexo”, o que declara ser muito difícil ou até impossível “articular as diferenças entre as mulheres e Mulher”, ou seja, “as diferenças entre as mulheres”. Então, essa limitação do conceito se torna dúvida, ambíguo, se pensarmos em apenas uma única representação do sexo feminino. Pensar nesse tipo de formatação representativa é afirmar a existência de apenas uma cultura consolidada e que se aplica apenas a uma única categoria de raça, classe e gênero. Ou seja, não existem apenas diferenças sexuais, mas sim as diferenças entre mulheres (negras, brancas, muçulmanas, etc) que não podem ser reconhecidas como diferenças sexuais. A partir dessa perspectiva, não haveria diferenças seriam “ou diferentes personificações de alguma essência arquetípica da mulher, ou personificações mais ou menos sofisticadas de uma feminilidade metafísico-discursiva.” (LAURETIS, 1994,p.207). A outra limitação refere-se ao comodismo do “potencial epistemológico ao radical do pensamento feminista” presentes nos moldes da casa patriarcal, que a autora cita como uma “prisão domiciliar da linguagem”. Entende-se por “potencial epistemológico radical” uma necessidade emergente de modificações nas escritas feministas dos anos 80, que permeasse o sujeito social e as relações subjetivas com a sociabilidade. Ou seja, uma necessidade de refazer os conceitos de “diferenças sexuais” que estejam atreladas à constituição do sujeito na categoria gênero por meio de códigos linguísticos e representações sociais (culturais); um sujeito múltiplo e contraditório.

Apostando em uma abordagem mais heterogênea de “diferenças sexuais”, a autora acredita que “o gênero possa ser incluído na diferença sexual como um efeito de linguagem ou como puro imaginário”. Para ela, precisa-se ser desconstruído o conceito de gênero e diferenças sexuais. Para isso, entende-se que devemos analisar gênero como uma “tecnologia sexual”, conseqüentemente analisar o gênero como representação e como auto-representação, sendo “produto de diferentes tecnologias sociais”. Sendo assim, ao anularmos do vocabulário

psicossocial a existência do termo “gênero e diferenças sexuais” conseguiríamos nos livrar das amarras classificatórias do sujeito, que é delegar valores substanciais ao comportamento relacionados ao sexo biológico. Qualquer autocorreção e/ou tentativa de corrigir alguma fala ou ato de distinção sexual: “o que é para menino/homem e o que é para menina/mulher” é um passo evolutivo para si e para as futuras transformações feministas no seio social. Se continuarmos exercitando essa manipulação estrutural das classificações sexuais, estaremos fortalecendo a visão estereotipada e preconceituosa das peculiaridades do indivíduo.

Segundo Lauretis (1994, p.208), “O gênero não é uma propriedade de corpos nem algo existente a priori nos seres humanos”, ou seja, o gênero pelo qual é criticado aqui traz exatamente a noção de performatividade, que é uma forma de avaliar as subjetividades nas relações e comportamentos peculiares e oscilantes das diferenças sexuais. Essa frase remete uma colocação apresentada pelo professor Kanavillil Rajagopalan³, quando diz “gênero é performatividade”. A noção de performatividade de gênero corresponde exatamente ao comportamento variado, perpetuado pela estrutura patriarcal. Dessa forma, Lauretis insiste em apontar a existência de conceitos limitados que, em segundo momento, propõe uma análise direcionada para as representações culturais e também nas relações sobre raça e classe. Portanto, cita abordagens de Foucault, quando diz que gênero é “o conjunto de efeitos produzidos em corpos, comportamentos e relações sociais, por meio dos desdobramentos de “uma complexa tecnologia política.”(LAURETIS, 1994, p. 208). Nesse sentido, a autora continua a reflexão apontando o gênero como uma representação: “Representação de gênero é a sua construção” – originária da arte e cultura desde a erudição ocidental (Idem, p.209), que continua sendo reproduzida em vários setores e compartimentos sociais, como apontou Louis Althusser (1970), em “aparelhos ideológicos do Estado.” Portanto, a construção de gênero não deixa de ser um processo político de representação social. Além de ser datada de construção, a autora aponta que gênero também é uma desconstrução. Diz:

O gênero, como o real, é não apenas o efeito da representação, mas também o seu excesso, aquilo que permanece fora do discurso como um trauma em potencial que, se/quando não contido, pode romper ou desestabilizar qualquer representação. (LAURETIS, 1994, p.209)

³ Na disciplina: Linguagem, cultura e sociedade, no Programa de Pós-graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagem, realizada no primeiro semestre de 2018, o professor Kanavillil Rajagopalan ministrou uma palestra que incluía a temática “Gênero é performatividade”. Anterior a colocação de Rajagopalan, a afirmação de que Gênero é performatividade é proveniente do pensamento de Judith Butler, em “Atos performativos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista”, na Coleção Pensamento Feminista: conceitos fundamentais, da org. Heloísa Buarque de Hollanda (2019).

O termo “gênero” é, na verdade, “a representação de uma relação, a relação de pertencer a uma classe, um grupo, uma categoria.” (Idem, p.210). Assim, ao constatar que gênero representa uma relação e não um indivíduo, podemos apostar um novo conceito para essa categoria, que, a meu ver, é uma forma de dispositivo de autocontrole norteado por um processo de ideologias contextuais. Com base nesse conceito, a idéia do masculino e feminino segue ao olhar de três fatores consequentes: sexo, sexualidade e relações sociais. Sendo assim, fica cristalizada a partir do sexo biológico, uma definição distinta entre os dois sexos. Nesse sentido, essa estrutura conceitual ficou conhecida pelas cientistas sociais feministas como “o sistema de sexo-gênero”, mencionado pela autora Tereza de Lauretis. “Embora os significados possam variar de uma cultura para outra, qualquer sistema sexo-gênero está sempre intimamente interligado a fatores políticos e econômicos em cada sociedade.” (LAURETIS, 1994, p.211).

Em segundo plano, Lauretis traz uma reflexão mais complexa sobre gênero, fazendo uma relação com o conceito de ideologia por Althusser. Com a seguinte perspectiva:

A construção do gênero é tanto o produto quanto o processo de sua representação. Ao afirmar que a ideologia representa “não o sistema de relações reais que governam a existência de indivíduos, e sim a relação imaginária daqueles indivíduos com as relações reais em que vivem.” (LAURETIS, 1994, p.212).

Nota-se que a ideologia, nada mais é do que uma abstração da realidade presente na reprodução inconsciente dos sujeitos sejam eles postos na condição de dominador ou de dominado. Primeiro, podemos perceber que a autora trata de gênero, nesse contexto, como uma “questão marginal; questão da mulher”, consequentemente como algo que está inserido no campo privado da “reprodução, procriação e família” e não no campo público, dentro da moldura da superestrutura, onde a ideologia encontra-se fixamente internalizada. O ponto central dessa discussão é perceber que ideologia e gênero possuem conceitos similares tanto no contexto subjetivo quanto no contexto social. A ideologia presente nas esferas externas e interna do indivíduo influencia inconscientemente em suas condutas, posturas, decisões, escolhas, entre outros comportamentos. O gênero, por sua vez, corresponde a predisposições construídas culturalmente e armazenadas na classificação do sexo. Um dos termos mais importantes para demonstrar a existência das relações de poder presentes no feminismo foi apontado no artigo de Joan Kelly (1979), “The doubled vision of feminist theory”, e lembrado por Lauretis, quando faz referência à “o pessoal é político” e diz:

Uma vez que aceitemos o conceito fundamental do feminismo de que o pessoal é político, argumenta Kelly, não mais podemos afirmar que existem duas esferas da realidade social: a esfera privada ou doméstica, da família, sexualidade e afetividade, e a esfera pública do trabalho e da produtividade (que incluiria todas as forças e a maioria das relações de produção nos termos de Barrett). (LAURETIS, 1994,p.215)

Sobre essa menção “o pessoal é político” entende-se que, além das classificações dos indicadores sociais de raça, classe e gênero e das condições estruturalistas entre o espaço público e o privado, a pessoalidade também corresponde a atos políticos. A expressão “o pessoal é político” foi empregado pelas ativistas do feminismo dos Estados Unidos, no final da década de 60, como expressão para a conscientização das mulheres por um dos grupos de ativistas feministas, chamado *Women's Liberation Movement*.

Esses grupos reuniram, originalmente, mulheres ativistas, a maioria de inclinação socialista e autoidentificadas como ‘radicais’, para discutir questões pertinentes ao “ser mulher” na sociedade americana. Inspirando-se, para tanto, nas técnicas utilizadas por revolucionários chineses conhecidas pela expressão “Falar da Dor” (*Speak Bitterness*) e assim superá-la, as participantes trocavam suas vivências e experiências, constatando que suas relações afetivas e familiares também se caracterizavam como relações de poder nas quais as mulheres se viam em situação de desvantagem. (SARDENBERG, 2018, p.15)

Referindo-se ao “pessoal” feminino, discutir sobre questões que envolvem experiências pessoais e problematizações das obrigações impostas no cotidiano entre os grupos feministas fizeram com que as mulheres repensassem sobre si no espaço privado. Notando que os problemas eram comuns entre as demais, procuram resolver através das raízes sociais, no caso o sistema patriarcal. “As relações interpessoais e familiares se caracterizam também como relações de poder entre os sexos e gerações, não sendo ‘naturais’, mas socialmente construídas e, assim, historicamente determinadas, passíveis de transformação.” (SARDENBERG, p.15). Essa discussão política das mulheres refletiu no Brasil por volta da década de 70, e foi um dos elementos das discussões para a construção da teoria do feminismo, que marcaram as teorias sociais modernas.

O grande divisor de águas dos projetos libertários feministas define-se entre uma visão que demanda às mulheres sua entrada e reconhecimento no mundo público (direitos, mercado, administração pública, instituições políticas etc.), alterando de maneira radical sua identidade construída no mundo dos papéis sociais situados no universo da família e, contrariamente, a valorização dos atributos diferenciais femininos (sensibilidade, expressividade, intimidade etc.) adquiridos na experiência do mundo privado e sua extensão e incorporação ao mundo público. (SORJ, 2019, p. 102)

Esta citação de Bila Sorj (2019), sobre a construção das teorias feministas na modernidade, explana exatamente a existência da utopia emancipatória das mulheres, que é um dos elementos centrais da discussão do feminismo na pós-modernidade.

Retomando a problematização de gênero em Lauretis, a autora demonstra outra forma de imposição social que as mulheres encaram socialmente. A começar, quando encaram situações para assinalar formulários coma identificação do sexo é (F/M). Assim que assinalam “F” estarão confirmando sua feminilidade e “ingressando oficialmente no sistema sexo-gênero”. Esse tipo de imposição é comparado com o conceito de interpelação, por Althusser (1970 apud LAURETIS, 1994). Esse conceito corresponde a um “processo pelo qual uma representação social é aceita e absorvida por uma pessoa como sua própria representação, e assim de forma real para ela, embora seja de fato imaginária.” (Idem, p.220). Seguindo essa linha de raciocínio, a autora traz uma breve comparação com a leitura do primeiro volume “História da sexualidade”, por Michel Foucault (1988, apud LAURETIS, 1994), quando afirma que a sexualidade, normalmente considerado como natural, também é uma construção cultural visando aos interesses políticos da classe dominante. Portanto, os discursos produzidos no seio da família, religião, medicina e economia possuem um poder de autocontrole sobre os indivíduos. A questão do sexo (relação sexual) fez com que os indivíduos tivessem vigilância sobre o próprio corpo. Sob essa perspectiva, a autora traz exemplos da sexualização do corpo feminino nas indústrias cinematográficas, lembrando que embora identificada no corpo da mulher, “a sexualidade é percebida como um atributo ou uma propriedade do masculino.” (FOUCAULT, 1988 apud LAURETIS, 1994). Nesse sentido, a sexualidade feminina é vista como “objeto de prazer”, passiva, enquanto que a sexualidade masculina como algo hegemônico, viril e ativo. Notando que há posições de poder aplicadas nessa divergência sexual, Foucault (1988) vê o poder como produtos de significados, valores, conhecimentos e práticas.

Lauretis demonstra preocupação com o conceito de gênero, que é alvo fácil para a desconstrução. Nesse sentido, podemos pensar que, se há um controle fixo na superestrutura social, tanto o discurso feminista quanto o próprio conhecimento científico desencadeia facetas desconstrucionistas em meio social. A leitura dessa autora propõe que as primeiras críticas feministas sobre a igualdade de gênero se devem a ideia de equiparar os discursos enraizados desde as diferenças sexuais – homens e mulheres – até a fixação de um regime patriarcal, período em que os estudos sobre a sexualidade e o dispositivo de controle do sexo (gênero) na sociedade ainda não eram eficazes, nem disponíveis. Portanto, considerando o

processo de globalização, a ideologia que antes permeava na abstração, hoje é processualmente debatida e contestada pelo meio científico, podendo assim produzir tecnologias de gênero.

1.2 A MULHER INDEPENDENTE DE SIMONE DE BEAUVOIR E O FEMINISMO

A história do feminismo apresenta uma série de categorias sociais, políticas e econômicas em que a mulher direciona seus direitos e buscam por em prática suas lutas cotidianas.

Ao contextualizar a mulher em comparativo aos papéis sociais agregados no período histórico da Idade Média, Simone de Beauvoir utiliza os termos “cortesã, esposa e vassala” para especificá-las e criticar as posições femininas na França, ainda pertinentes em dias atuais. Falar sobre a emancipação feminina ou a liberdade da mulher é analisado, neste contexto, de forma separada, mas são abordados em forma conjunta, ou melhor, “sinônimas”, definindo o perfil de “A mulher independente” (BEAUVOIR, O segundo sexo, vs. 2016).

Nesse sentido, a autora relata breves situações pondo a figura feminina como elemento central de análise. Assim, aponta o trabalho como meio legítimo de emancipação econômica da mulher. A esposa e cortesã são consideradas mulheres sustentadas, ou seja, que não tem uma autonomia econômica, consolidando assim sua condição de vassalas. Pensando na frase “O trabalho dignifica o homem” (Benjamin Franklin - 1706 – 1790), podemos justificar assim, de certa forma, que o trabalho é o único meio nobre e legítimo que a mulher pode cobrir a distância que a separa do homem.

Esposa – cortesã: mulher sustentada. Os costumes impostos as mantém confinada na mesma condição: vassala. Aquela que em troca do sustento, proteção e lugar no espaço de (re)produção, também é cobrada por serviços que exigem “dedicação exclusiva” à quem lhes sugere “comodidade” e respaldo econômico. (BEAUVOIR, 2016, p.503)

Não apenas por dignificar sua posição feminina na força de trabalho, mas por utilizar desse instrumento para se emancipar economicamente. As economicistas francesas investigaram qual a situação econômica das mulheres no século XIX e analisaram quais as implicações sociais e econômicas levariam a extrema pobreza. Uma das pensadoras e economicistas,

Defende a existência de um forte nexo entre a ordem econômica e os códigos morais e civis da época que atentam contra mulheres e crianças. Ela conclui que são necessários três tipos de reformas para modificar a situação das mulheres: equiparar os salários femininos aos masculinos quando ambos realizam trabalhos iguais; abrir novos campos de trabalho para as mulheres para além dos já existentes e eliminar a desigualdade de direitos entre homens e mulheres. É fácil constatar que estas reivindicações defendidas por Daubié no século XIX seguem atuais, inclusive entre as modernas sociedades industrializadas. (TEIXEIRA, 2008, p.33/34)

Em contrapartida, se emancipar economicamente não é o bastante para as mulheres, já que a completude da sua libertação se estrutura através de outras emancipações. O destaque entre a mulher vassala e sua condição, para a autora, consiste no fato de que “não lhe é permitido fazer o que quer que seja” (BEAUVOIR, 2016, p.503), ou seja, embora tenha conquistado o trabalho e sendo dona dos seus próprios esforços, tornam-se submissa também às forças de trabalho. Pensando assim, acredita-se que tal comparação nos remete a situações cotidianas que ferem e limitam a capacidade de libertação da mulher nos outros quesitos da vida. Para que esses quesitos fossem postos e reivindicados, os movimentos feministas, desde a década de 60, no Brasil, impulsionaram gatilhos norteadores em prol da emancipação da mulher. Nesta época, a própria Beauvoir já fazia presença nas leituras e nas estantes burguesas no Rio de Janeiro, propondo um olhar filosófico feminista desabrochado por ela, na França. Dessa forma, nota-se a influência que essa literatura trouxe para o Brasil, a ponto de mobilizar mulheres do centro para as margens, e vice-versa, apresentando suas performances sociais e femininas. Para dar continuidade a essa linha de raciocínio, Simone apresenta outros viés dentro do contexto “trabalho” com o intuito de situar a figura feminina e sua corrida incessante por equilíbrio e reconhecimento social. Ainda assim, a autora diz “A mulher que se liberta economicamente do homem nem por isso alcança uma situação moral, social e psicológica idêntica à dele.” (Idem, p.505) Esse dito é fatídico se relacionarmos a condição feminina diante dos desafios deparados no âmbito social em comparação à conduta hegemônica da presença masculina. Diante dessa situação, seria fácil apenas comparar tal superioridade a partir da presença e figura masculina, mas sua transcendência surge antes mesmo da sua inserção no meio material de sociabilidade. A priori, o pertence fálico juntamente com outros aparatos biológicos agrega valores ao universo masculino obstante ao ingresso da figura feminina. Nesse sentido, qualquer tentativa de anular o sexo/gênero feminino para se igualar ao sexo masculino será frustrada. A menos que isso, não passará de se exibir com paliativos superficiais em ambientes de relevância social. Esses paliativos referem-se a atributos complementares, como vestimentas, adereços e modelos físicos que

traçam o perfil do homem na sociedade. Seguindo essa lógica e apontando as dificuldades de aceitação feminina na dinâmica social, não só a liberdade econômica (trabalho) nem as representações físicas seriam suficientes para autenticar a realização da sua feminilidade. Em vista disso, só nos resta apostar em outro aparato: a sexualidade. Como cita a filósofa, “o homem é um ser humano sexuado: a mulher só é um indivíduo completo e igual ao homem se for também um ser sexuado.” (BEAUVOIR, 2016, p.506). Mas como se dá a recepção da exposição sexual da mulher? A forma como se vestem o comportamento, a postura, dentre outras performances que suspeitam tendências condicionadas à figura feminina e que são cobradas socialmente, principalmente ao que diz respeito à exposição da sexualidade.

Suas vestimentas foram primitivamente destinadas a confiná-la na impotência e permaneceram frágeis: as meias rasgam-se, os saltos acalcanham-se, as blusas e os vestidos claros sujam-se, as pregas desfazem-se; entretanto, ela mesma deverá reparar a maior parte dos acidentes; suas semelhantes não a auxiliarão benevolente e ela terá escrúpulos em sobrecarregar seu orçamento com trabalhos que ela mesma pode executar; as permanentes, as ondulações, a pintura, os vestidos novos já custam bastante caro.(BEAUVOIR, 2016, p.507)

Sendo assim, qualquer comportamento que deturpe a imagem da sensualidade feminina através de uma suposta vulgaridade é considerada ofensiva à sociedade. Já para o homem, não tem com o que se preocupar em termos de postura e exibição corporal em meio público. As exigências para ambos os sexos sempre recaíram com maior pesar para as mulheres, tendo em vista que sua criação era, e ainda é voltada para os “bons modos”.

Por esse viés, Simone de Beauvoir desenvolve, em “A mulher independente”, exemplos situacionais da mulher na construção dos diversos campos sociais: carreira profissional, relacionamento, família, e a busca incessante pela independência em todas essas categorias. Seguindo essas demonstrações, é notório que há uma relação de interdependência nessas categorias, para que a mulher se sinta “livre” de fato. Então, abrir mão de uma emancipação é deixar de fora outra que, possivelmente, é o ponto chave para o seio da tão esperada liberdade.

A filósofa busca apresentar todas as formas representativas da emancipação feminina. O direito ao voto já não lhes é suficiente para emancipar-se socialmente. A autonomia econômica seria a próxima busca por enquadramento na esfera pública.

1.3 REPRESENTAÇÃO E FEMINISMO

Ao pensar a ciência como resultado de apostas metódicas laborativas e circunstanciadas por hipóteses, pode-se constatar uma previsibilidade racional e epistemológica dos cientistas envoltas sob um referido objeto. À luz dessa percepção aplicada nas ciências humanas, caberíamos considerar as experiências pessoais, ou melhor, a epistemologia pessoal de representação em ciência, ou estes seriam apenas um dos fatores presentes na teoria para o devir científico? Com esta pergunta, não se trata aqui de desconfiar ou julgar que as ciências humanas, especificamente a Sociologia, não tenham capacidade de exercer legitimidade ou produzir teorias científicas. Mesmo porque as próprias teorias sociológicas comprovam essa capacitação. Portanto, cabe esclarecer então que, com esta pergunta, verifica-se a necessidade de explicações referentes às possíveis influências que as epistemologias pessoais produzem sob a dinâmica social, especificamente para público sexo/gênero feminino. Apresentaremos aqui um ensaio conceitual sobre representações epistemológicas, lugar de fala, discurso e formação discursiva, que servirão de base para análise teórico-metodológica dos discursos feministas das estudantes da geração 2000.

Entende-se por formação discursiva uma relação heterogênea entre unidades tópicas e não-tópicas que correspondem à forma como os sujeitos se apropriam dos discursos para verbalizar suas posições identitária. A noção de unidades não tópicas foi construída por pesquisadores e concebida como um sistema de restrições invisíveis, transversal às unidades tópicas. Em Maingueneau (2003, 2005), as unidades tópicas e não tópicas são categorizações da análise do discurso que servem de usuários analíticos, cada qual com suas especificações. “A unidades que chamaremos de tópicas, de alguma forma dadas, pré-recortadas pelas práticas sociais, e as que chamaremos não tópicas, construídas pelos pesquisadores.” (MAINGUENEAU, 2015, pg. 66).

Por natureza, as unidades “tópicas” se situam no prolongamento das categorizações dos atores sociais, o que não significa que coincidam com elas. Elas se articulam em torno da categoria de gênero do discurso, entendido como instituição de fala, dispositivo de comunicação sócio-historicamente determinado: o jornal televisivo, a consulta médica, o roteiro turístico, a reunião do conselho de administração [...] (Idem, 2015, p.66)

Dessa forma, Maingueneau apresenta esse conceito por Foucault e Pêcheux como “permitir constituir *corpora* heterogêneos, reunir livremente enunciados originários de diversos tipos de unidades tópicas.” (MAINGUENEAU, 2015 p.83)

A noção de unidades tópicas e de unidades não-tópicas relacionada à construção do discurso e a constituição de teorias do discurso encontra-se vinculada com estudos da Teoria

da Representação Social (TRS) presentes na perspectiva psicossociológica das representações sociais.

A psicologia social aborda as representações sociais no âmbito do seu campo, do seu objeto de estudo – a relação indivíduo-sociedade – e de um interesse pela cognição, embora não situado no paradigma clássico da psicologia: ela reflete sobre como os indivíduos, os grupos, os sujeitos sociais, constroem seu conhecimento a partir da sua instrução social, cultural etc. (ARRUDA, 2002, p.128)

Essa coincidência conceitual entre as unidades tópicas e não tópicas e a teoria das representações sociais nos permite analisar a construção do conceito de feminismo pelos discursos das jovens estudantes. Ao interpretarmos que as unidades tópicas correspondem aos discursos prontos e estabelecidos socialmente pelas instituições políticas, rede televisiva, dentre outros meios de comunicação dominante, podemos apostar no conceito da TRS para reconhecer como é construído o conceito do feminismo pelo público feminino estudantil.

A Teoria das Representações Sociais – TRS – operacionalizava um conceito para trabalhar com o pensamento social em sua dinâmica e em sua diversidade. Partia da premissa de que existem formas diferentes de conhecer e de se comunicar, guiadas por objetivos diferentes, formas que são móveis, e define duas delas, pregnantes nas nossas sociedades: a consensual e a científica, cada uma gerando seu próprio universo. (ARRUDA, 2002, p.129)

A construção do discurso e da própria realidade dos indivíduos é constituída por fatores universais de conversação informal (consensual) e de apreensão e/ou reprodução do científico. Segundo Angela Arruda (2002), com base nos estudos sobre TRS por Moscovici, entende-se que “as representações sociais constroem-se mais frequentemente na esfera consensual, embora as duas esferas não sejam totalmente estanques.” (ARRUDA, p.130). A construção do discurso acerca de determinados assuntos, como por exemplo, sobre “o feminismo”, se dá com base nas conversações e por exposições midiáticas, momentos em que as influências operam na apropriação do discurso e na prática dos indivíduos. A única diferença é que no universo consensual (produtora das representações sociais) aparentemente não há fronteiras, todos podem falar de tudo, enquanto que no universo científico só falam os especialistas. (ARRUDA, 2002, p.130) Importante marcarmos que, segunda esta autora, a produção das representações sociais começa pelo senso comum, pela consciência coletiva, é acessível a todos e é variável. (Idem, p.130) O que nos ajuda a esclarecer que, além de considerar os indicadores sociais (de raça, classe e gênero), a construção das representações sociais e do discurso se inicia através das epistemologias (produção individual do conhecimento).

Coincidentemente, a TRS e as teorias feministas apontam para a mesma direção na dimensão epistemológica. Dessa forma, selecionamos uma característica como principal parâmetro de afinidade entre essas teorias:

Propõem teorias relacionais, em que não se pode conhecer sem estabelecer relação entre tema/objeto e o seu contexto. Gênero é uma categoria relacional, na qual, ao se levar em conta os gêneros em presença, também se consideram as relações de poder, a importância da experiência, da subjetividade, do saber concreto. Da mesma maneira, a TRS não separa o sujeito social e o seu saber concreto do seu contexto, assim como a construção desse saber não pode se desvincular da subjetividade. (ARRUDA, 2002, p.133)

Sendo assim, percebe-se que ambas as teorias partem de preposições analíticas e metodológicas que valorizam o saber prático, com o intuito de devolvê-las em prol das transformações. Essa dimensão, citada acima, indica que as teorias atuais buscam reabilitar os conhecimentos concretos, as experiências vividas e valorizar as diversas formas de racionalidade. É uma tentativa de desconstruir com teorias entendidas como dominantes e reconstruir realidades a partir das próprias racionalidades. O que é:

Adequado às características das multifacetadas sociedades e grupos sociais contemporâneos e às características da forma de conhecer e lidar com o saber nessas sociedades, em que grupos diferentes têm visões diferentes de um mesmo objeto – sem que a diferença implique obrigatoriamente desigualdade. (ARRUDA, 2002, p. 133)

Assim, podemos definir o conceito de representação social que,

Não é uma cópia nem um reflexo, uma imagem fotográfica da realidade: é uma tradução, uma versão desta. Ela está em transformação como o objeto que tenta elaborar. É dinâmica, móvel. Ao mesmo tempo, diante da enorme massa de traduções que executamos continuamente, constituímos uma sociedade de “sábios amadores” (Moscovici, 1961), na qual o importante é falar do que todo mundo fala, uma vez que a comunicação é berço e desaguadouro das representações. Isto indica que o sujeito do conhecimento é um sujeito ativo e criativo, e não uma tabula rasa que recebe passivamente o que o mundo lhe oferece, como se a divisória entre ele e a realidade fosse um corte bem traçado. (ARRUDA, 2002. P. 134)

Preocupadas em analisar os discursos das estudantes e as ondas do feminismo que se filia, o conceito de representação social nos permite reconhecer as influências envolvidas no processo de construção do discurso e na própria construção da representação social do feminismo. Ao reconhecermos a importância dessas construções para analisarmos os discursos, apostamos na discussão da psicossociologia sobre alguns fundamentos da construção dos saberes práticos. Segundo Arruda (2002), recorre ao fundamento da objetivação, “como a criança de Piaget, seleciona e descontextualiza elementos do que vai

representar, operando assim um enxugamento do excesso de informação, uma vez que não é possível lidar com o conjunto de informação transmitida.” (ARRUDA, 2002, p. 136). As informações sobre o movimento feminista, feminismo e gênero, há muito tempo, foram liderados em sua maior parte por políticas que favorecem o sistema da estrutura dominante, logo favorecem ao sistema patriarcal. Portanto, estamos vulneráveis a absorver informações que os grupos favoráveis a estrutura social dominante impõem à tendenciar aos telespectadores e público alvo. Sem contar com as facilidades de outras imposições hierárquicas (do adulto para os de menor idade) no exercício de ensino/aprendizagem.

Uma vez feitos os recortes, recosturam-se os fragmentos num esquema que se torna o núcleo figurativo da representação, o qual, segundo Jodelet, tende a apresentar um aspecto imagético, como entre os adultos que também pensam com imagens. Tal aspecto constitui a quintessência da representação, seu cerne. (ARRUDA, 2002, p. 136)

Entende-se então que os retalhos das aprendizagens extraídos pelas informações do saber prático constituem a “quintessência” da representação. Essa “quintessência” é refletida no imagético e posteriormente, tratada de forma natural. Portanto, pode-se considerar que a construção da representação social parte da construção do imaginário coletivo, que faz parte do processo de união dos retalhos de saberes práticos e sociáveis. Além do fundamento de objetivação, o indivíduo passa pelo processo de “Ancoragem”:

É o outro processo, aquele que dá sentido ao objeto que se apresenta à nossa compreensão. Trata-se da maneira pela qual o conhecimento se enraíza no social e volta a ele, ao converter-se em categoria e integrar-se à grade de leitura do mundo do sujeito, instrumentalizando o novo objeto. (ARRUDA, 2002, p.136)

Esse processo finaliza os processos fundamentais para as construções das representações sociais nos indivíduos. Sendo assim, podemos compreender que as representações sociais do feminismo e de gênero são construídas pelos processos de objetivação (conhecer através de retalhos discursivos postos pelas redes midiáticas) e de ancoragem (etapa de dar significações e sentido ao objeto da forma como lhes foi compreendido). Diante essa consideração teórica, podemos compreender as influências e as produções dos discursos feministas apresentados pelas jovens estudantes.

Se já existem limitações de publicação de informações pelas redes midiáticas, dependemos de outros meios para as construções dos discursos e de representações sociais para posicionar-se a respeito de temas e das transformações que envolvem a realidade dos

indivíduos/cidadãos. Outro meio favorável para a construção dos discursos é através da literatura.

1.4 REPRESENTAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS

Primeiramente, ao apontar a epistemologia pessoal de representação, traduz-se aqui como um conhecimento prático (dinâmico), pessoal e representado socialmente sob condições humanas. Exemplo disso, nada mais condizente do que os grupos, movimentos e referências sociais que servem como pilares de resistência social de identificação. Ao tratar-se do contexto social, as práticas⁴ e ações sociais (WEBER, 1991) definem as complexas considerações referentes à representação. Nesse sentido, Chartier (1988) conceitua “as representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam.” (1988, p.17)

Ao tendenciar essa abordagem para as ciências humanas, baliza-se aqui em abordar assuntos relacionados à área da Linguagem e práticas sociais, no ramo da Sociologia e das relações sociais. Delimita-se também em explicar os conceitos de representação nas práticas sociais contemporâneas. Para Chartier (1986), a representação é considerada desde as sociedades do Antigo Regime como um “lugar central”. Segundo o autor, a representação é um instrumento de um conhecimento mediato, que faz ver o objeto ausente através da sua substituição por uma “imagem” capaz de reconstituí-lo em memória e de figurá-lo tal como ele é. Essa relação de representação é entendida como uma demonstração da presença, apresentação pública de algo ou alguém. O que, na Sociedade Contemporânea Ocidental, nos remete à idéia de um espaço ocupado por características comuns e/ou peculiares entre os sujeitos que se auto-reconhecem nas práticas sociais. Tratando-se de autoconhecimento de características comuns e peculiares, denota-se a idéia de um espelho, de uma reprodução de identificação individual ou grupal sobre referidas ações.

⁴ Para Chartier (1988), as práticas sociais visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, de significar simbolicamente um estatuto e uma posição.

Vejam também que há uma relação de imagem e de objeto, revelando-nos uma referência a teoria do signo que o indivíduo comanda no pensamento moderno (Chartier, 1988). O que na vida social do Antigo Regime era conhecido como “formas de teatralização”:

“Todas elas têm em vista fazer com que a identidade do ser não seja outra coisa senão a aparência da representação, isto é, que a coisa não exista a não ser no signo que a exhibe. Deseja-se que a aparência valha pelo real.” (Chartier, 1988)

Sem pretensões de adentrar nesses meandros superficiais da “aparência” social em formas de representação, aborda-se neste trabalho uma das modalidades das formas de representação: “as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição.” (Chartier, 1988). Nesse sentido, Chartier nos leva ao ponto chave dessa discussão que é se apropriar dessa modalidade para explicar o que significa “representações epistemológicas”, vulgo ocupação do “lugar de fala” entre as subjetividades femininas.

1.50 LUGAR DE FALA, DISCURSO E FORMAÇÃO DISCURSIVA

Adentrando no campo da oralidade, por compreender que seja um combustível de expressão humana e como ferramenta para recolher e expelir discursos epistemológicos presentes nos lugares de fala, recorda-se então o conceito de tradição oral. O que nos remete à ideia de um cenário onde as sociedades primitivas não obtinham costumes linguísticos para comunicar-se oralmente, em termos do uso de vocabulários semânticos, comparativos a tradição oral ocidental, contemporânea e histórica. A tradição oral é produzida a partir de narrativas, sejam coletivas ou pessoais. Segundo Verena Alberti (2005),

A tradição oral, como as tradições de modo geral, está calcada na repetição. Em princípio, ambas as premissas são contraditórias. Esse talvez seja o grande fascínio exercido pela tradição oral: o fato de se tratar de um patrimônio coletivo comum, que, no entanto, não existe sem a ação permanente daqueles que o repetem e, portanto, o transformam. (ALBERTI, Verena. p.18)

Ao seguir essa concepção de oralidade, como algo que se legitima a partir de repetições geracionais até que habite transformações, sendo assim um patrimônio coletivo, se

aposta aqui na relação de oralidade e poder. Para que essa tradição oral se perpetue e seja perpassada por gerações necessita-se de poder e articulações linguísticas coerentes à realidade do coletivo. Assim, esclarecemos que o conceito de discurso está presente nas entrelinhas da tradição oral. O discurso como uma vertente concreta para analisar os lugares de fala presentes nas subjetividades humanas e condicionais. Carregado de ideologia, crença e poder, o discurso se posiciona, se delimita, se supera e resiste à marcas históricas dominantes. Portanto, para conceituar o “lugar de fala”,

É preciso dizer que não há uma epistemologia determinada sobre o termo lugar de fala especificamente, ou melhor, a origem do termo é imprecisa, acreditamos que este surge a partir da tradição de discussão sobre *feminist stand point* – em uma tradução literal “ponto de vista feminista” – diversidade, teoria racial crítica e pensamento decolonial.[...] como forma de ferramenta política e com o intuito de se colocar contra uma autorização discursiva. (RIBEIRO, 2019, p.57)

Para discutir essa temática, o que significa, de fato: lugar de fala? Esse termo designado pelos “Feminismos plurais” no livro: *Lugar de fala*, da organizadora Djamila Ribeiro (2017), tem por objetivo desestabilizar o sistema de autorização discursiva e o feminismo hegemônico. A coleção é composta por uma banca de mulheres negras e feministas com a proposta de dar visibilidade aos grupos que foram historicamente marginalizados e marcados pela opressão de uma narrativa dominante. A linguagem abordada em seus textos é de cunho acessível e didático, o que nos dá uma impressão provocadora de quebrar protocolos e desestabilizar um sistema que fora historicamente construído a favor da estruturação pedagógica dominante. Por tanto, essa coleção é “escrita por mulheres negras e indígenas, e homens negros de regiões diversas do país, mostrando a importância de pautarmos como sujeitos as questões que são essenciais para o rompimento da narrativa dominante.” (RIBEIRO, 2019, p. 15)

Em vista disso, o uso desse conceito no mundo acadêmico justifica mais uma conquista dos grupos minoritários, principalmente das mulheres negras de classe baixa, que visam marcar sua posição de fala: subjetiva. Ainda que subjetivo, o conceito de lugar de falar não está designado apenas aos grupos minoritários, mas acompanha um discurso marcado por epistemologias. O lugar de fala de um homem branco cis e heterossexual se comparado ao lugar de fala de uma mulher negra cis hetero, àquele em relação a este se destaca numa posição privilegiada socialmente, por conta de um caráter estrutural hegemônico imposto socialmente. Portanto, a ideia em tornar esse conceito universal é para pensarmos as condições de hierarquia, as desigualdades, pobreza, sexismo e racismo. Algo que deve ser

deixado claro, antes de qualquer preconceito a cerca do uso dessa locução, é que pronunciar “meu lugar de fala” não significa que o locutor seja especificamente uma pessoa que sofreu opressões ou é desprivilegiado socialmente. Por tanto, considerar que este locutor é um sujeito que possui uma condição de estar no mundo a partir do seu *locus social* epistemológico.

Vimos, então, uma relação de conceitos que permitem nortear o ponto chave desta revisão: entender as possíveis influências que a exposição via oral das epistemologias pessoais (através do discurso) produzem sob a dinâmica social, especificamente pelo/para público sexo/gênero feminino. Necessita-se então, apresentar aqui a existência das formações discursivas presentes nessa exposição pessoal. Como método de análise, utilizamos a Análise do discurso por compreender que a linguagem é um dos elementos legítimos para o processo de formação discursiva dos indivíduos. Para a AD francesa, a formação discursiva (FD) delimita um pertencimento a uma formação ideológica que pode ser notada numa materialidade linguística. Em outras palavras, Fernanda Mussalim (2004) afirma que “uma FD determina o que pode/deve ser dito a partir de um determinado lugar social”. Enquanto que a ACD (Análise Crítica do Discurso), em “Discurso e poder” (VanDijk, 2008), afirma que o discurso se relaciona como uma forma de controle social, sendo este um dos instrumentos linguísticos herdados e hegemonizados pela cultura dominante. Isto é, cada vez que alguém se pronuncia deixa rastros de pertencimento a uma filiação por ser o seu discurso atravessado por influências sócio-culturais. Assim,

Uma FD é marcada por regularidades, ou seja, por “regras de formação”, concebidas como mecanismos de controle que determinam o interno (o que pertence) e o externo (o que não pertence) de uma formação discursiva. (MUSSALIM, 2004, p.119)

O encaixe da formação discursiva é para justificar a existência do lugar de fala, que diz respeito à posição condicional dos sujeitos humanos. Sujeitos estes que estejam (ou não) inseridos em uma perspectiva de ativista de um movimento social ou de cidadãs conscientes da sua própria realidade. Para os últimos, teremos um resumo de uma análise (subseção 2.7.1) feita no trabalho de conclusão de curso, intitulado “O Feminismo sob a percepção das jovens estudantes do Ensino Médio em Escola Estadual de Vitória da Conquista/Ba”, com intuito de detectar nas falas das jovens estudantes os elementos discursivos que compõem a concepção de gênero das entrevistadas. Uma prévia em comparação ao que conseguimos encontrar com o novo *corpus* da pesquisa.

1.6 EMPODERAMENTO

Em busca de apresentar o conceito de empoderamento, Joice Berth (2019) inicia a discussão buscando elucidar o significado de “dar poder”. O esclarecimento da autora sobre o conceito de poder traz a primeira referência: a perspectiva de Hannah Arendt (2001), que acredita em poder como um processo de ação coletiva. Para atender seu espírito revolucionário e comunista, Arendt (2001) aposta numa noção de categoria política em acreditar que o poder emana do povo.

A autora apresenta duas perspectivas sobre poder: Hannah Arendt e Michel Foucault. Diferente da perspectiva política de Hannah Arendt, Michel Foucault conceitua o poder a partir da microfísica do poder, que perpassa pela estrutura social e é articulado ao Estado. Não com o intuito de negar a importância do Estado, mas alertando que o poder é para além das relações de poder estatal. O filósofo acredita que o poder está presente em toda sociedade. Relativamente, coincidente a uma das características do poder de Teun A. van Dijk⁵, Foucault acredita que para captar o poder devemos analisar pelas extremidades. Na interpretação de Berth, significa dizer que as relações de poder estão presentes nas instituições e é marcado pela disciplina. Foucault acredita que os corpos e a educação estão sob o domínio de uma estrutura normatizadora, portanto entende que “a disciplina fabrica indivíduos” (FOUCAULT, 1986 apud RIBEIRO, 2016), pois quando o sujeito é posto em relações de produção e de significação é colocado no processo de relações de poder.

Posto essa base conceitual sobre “dar poder”, a autora propõe explicar sobre o ato de assumirmos quando estamos dando poder. Na verdade, correspondem a uma conduta articulada entre um grupo ou coletivo que produzem autoconhecimento, autorreconhecimento, autovalorização e autoafirmação de si mesmo e de sua história, principalmente ao entendimento da sua posição política e social. Assim, o conceito de empoderamento pelo qual a autora propõe explicar, condiz ao processo de autorreconhecimento de si mesmo em seus variados aspectos da condição social e, principalmente humana: de raça, de classe e de gênero. Para que o indivíduo empodere-se, Joice Berth (2019) acredita que é necessário

⁵ Em “Discurso e poder”, Teun A. van Dijk apresenta a segunda característica de poder que somado a perspectiva de Joice Berth estabelece uma condução para o entendimento. Ao destacar que as relações de poder social são manifestadas através da interação, e que essa interação entra em conformidade no poder. Por exemplo: um grupo A possui um controle (cognitivo) elevado sobre os agentes do grupo B que, por sua vez carece de aparatos de sustentação desse controle, portanto se mantém limitado em relação às ações do grupo A.

manter-se devidamente provido de informações e das novas percepções de si mesmo e sobre o mundo que o cerca, além de descobrir ferramentas próprias de poder para se mover socialmente em prol da coletividade. Esse é o parâmetro de poder proposto pela autora para desempenhar o ato do empoderar-se, uma ideia de contribuir empiricamente para as transformações sociais dando visibilidade e ressignificado à teoria do feminismo negro e a interseccionalidade⁶.

De modo geral, devemos compreender que o conceito de empoderamento serve como utensílio de emancipação política e social, mas não com caráter assistencialista de órgão institucional ou algo do tipo. Serve com a intenção de criar novas perspectivas sociais visando o respeito a todos os indivíduos. Se tratando de poder e relações de poder no cenário de opressor *versus* oprimido, o empoderamento não possui a ideia de tirar poder do opressor e dar para o oprimido, mas de combater a opressão para acabar com situações injustas, com o intuito de equalizar as existências em sociedade. E desse modo propõe rever a estrutura social que mantém um grupo acima e outro abaixo na manutenção de relações assimétricas.

1.6.1 Breve histórico de empoderamento

Entender que *Power* é uma palavra de origem inglesa que significa poder, força e autoridade, nos dá licença neológica para considerar a origem da palavra Empoderar. De acordo com a gramática portuguesa, o uso da preposição “em” significa, a depender do contexto, **dentro de** alguma coisa ou lugar. Logo, *empower* explana a ideia de estar “**dentro do poder**”. Portanto, empoderar significa escavar ferramentas de poder para estar dentro do poder. Inclusive, serve para pensarmos sobre escavações epistemológicas que nos levam a mudanças empíricas no mundo da vida. E essa é a proposta pela qual Joice Berth elucidada.

Dessa forma, é válido considerar no contexto brasileiro que empoderamento é um termo neológico utilizado nas sociedades do mundo ocidental, principalmente pelo público feminino (pós-revoluções feministas – movimentos progressistas da primeira até a quarta onda) como uma forma de reafirmar as identidades femininas no âmbito da exposição pessoal do gênero, raça e classe. Ou seja, uma exposição libertária da condição feminina onde

⁶As discussões sobre Interseccionalidade encontra-se no livro de Carla Akotirene – Interseccionalidade, do Feminismos Plurais / coordenação de Djamilia Ribeiro.

predominam as relações de poder hegemônicas historicamente. Joice Berth (2019) aponta um conceito sobre a Teoria do Empoderamento, que tem como enfoque a informação como instrumento de poder, no período histórico da reforma luterana.

No presente contexto, o termo refere-se ao público feminino, principalmente as mulheres negras, pelo histórico opressor e injusto que foram submetidas. Ainda que o conceito de empoderamento não esteja limitado aos grupos de minoria, das mulheres, e também por não ser uma tentativa de inverter poderes nem de retirar poder de um para dar a outro, o emprego dessa discussão se tornou muito complexo na atualidade. Justamente por dar a idéia de um termo revolucionário que amedronta os padrões normativos da sociedade, que é hegemônica, desigual e injusta.

Para incorporar essa discussão, a autora destaca o educador Paulo Freire (1960) como um dos pensadores sobre a realidade dos grupos oprimidos, que discutiu sobre a Teoria da Conscientização. A única forma de libertar a atuação dos grupos oprimidos na sociedade seria através da consciência: consciência crítica da realidade junto à prática transformadora, (FREIRE, 1960 apud Berth, 2019). Para Freire (1960), a consciência crítica é que levará os indivíduos a entender a representação das coisas e dos fatos como se dão na realidade prática. Assim entendido a realidade, os indivíduos partem para a ação transformadora.

Para esta investigação, se tratando de jovens estudantes, a leitura/literatura é um ato de empoderamento propício para prática do feminismo. Tendo em vista que, obtendo uma base teórica sobre o referido tema teremos jovens estudantes engajadas no processo de empoderamento, no combate contra o machismo e o sistema patriarcal. O instrumento da literatura é capaz de quebrar com sistemas opressores que agem sobre o gênero feminino. Além de ativar o processo de desconstrução, realça o senso crítico e alerta a sociedade para um processo de reeducação social, propondo o respeito e equidade entre os indivíduos.

1.7 A INCIDÊNCIA DO FEMINISMO NA PÓS-MODERNIDADE

Considera-se a continuidade da Modernidade para a Pós-Modernidade, traçando essa perspectiva crítica, empírica e histórica do feminismo no Brasil. Assim, destaca-se a conjuntura econômica e social, que é intrínseca, podem-se visualizar diretrizes identitárias pela qual influenciam as jovens e o imaginário coletivo entender sobre o feminismo.

Ao endereçar este trabalho pelo contexto de jovens estudantes do sexo feminino e as vivências da geração 2000 até o ano de 2019, residentes na cidade de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil, submete-se a contextualizar suas visões de mundo e de Feminismo a partir da perspectiva pós-moderna.

De todas as categorias teóricas para analisar as referências históricas e relações humanas, a análise do discurso é a principal fonte de categorias analíticas para identificar elementos discursivos pós-modernas presentes na realidade dos indivíduos. Por esse viés analítico, podemos notar as contradições, na maioria das vezes implícitas nos enunciados. Sobre esta consideração, Linda Hutcheon (1947) afirma que:

Na teoria, seja ela pós-estruturalista (termo que hoje parecemos utilizar para abranger tudo o que existe desde a desconstrução até a análise de discurso), marxista, feminista ou neo-historicista, as contradições nem sempre são tão visíveis, mas costumam estar implícitas (...). Entretanto, caso se ignore metade da contradição, fica muito fácil considerar o pós-moderno como neoconservadoramente nostálgico/reacionário ou radicalmente demolidor/revolucionário. Eu afirmaria que precisamos tomar cuidado com essa eliminação da complexidade total dos paradoxos pós-modernistas. (...). A cultura pós moderna usa e abusa das convenções do discurso. Ela sabe que não pode escapar ao envolvimento com as tendências econômicas (capitalismo recente) e ideológicas (humanismo liberal) de seu tempo. Não há saída. Tudo o que ela pode fazer é questionar a partir de dentro. (HUTCHEON, 1947, p.15)

A partir dessa consideração sobre o cruzamento do Modernismo com o pós-modernismo, por Hutcheon (1947), se faz necessário cumprir um entendimento acerca da apropriação cultural do pós-moderno com a abordagem que está embutida à proposta da pesquisa: como se dá a apropriação dos conceitos de gênero, feminismo e empoderamento na realidade pelo qual as entrevistadas convivem? A reflexão que se faz acerca da inserção do feminismo no mundo pós-moderno é de pensarmos a partir da última frase citada “Tudo o que ela pode fazer é questionar a partir de dentro” (HUTCHEON, 1947, p.15). Sobre essa consideração, notamos que a única forma de lidar com a realidade pós-moderna é envolver-se como sistema econômico e com a ideologia. Sendo assim, entender que para se aproximar e pôr em prática as teorias feministas modernas seria crucial compreender que “o pessoal é político” e que as escavações epistemológicas do feminino as levarão a embarcar para um movimento intelectual e social pós-moderno do feminismo.

Para teorizar o pós-moderno é crucial iniciarmos pela formação da palavra e entender como é reconhecida atualmente. As discussões acerca do pós-modernismo apontam para várias categorias científicas, além de ser compreendida por outros autores por uma aceitação

geral e como uma referência temporal. Ouve-se dizer que o pós-modernismo significa descontinuidade da modernidade, descentralização, desmembramento, desconstrução, entre outros termos, que o prefixo “des” nos remete a ideia de negar compromissos. A problemática desse fenômeno transitório somado ao processo de transformação social é o que Linda Hutcheon (1947) teoriza como “um fenômeno contraditório, que usa e abusa, instala e depois subverte aos próprios conceitos que desafia.” (HUTCHEON, 1947, p.20)

O pós-modernismo não pode ser utilizado como um simples sinônimo para o contemporâneo (d. Kroker e Cook 1986). E ele realmente não descreve um fenômeno cultural internacional, pois é basicamente europeu e (norte- e sul-) americano. (HUTCHEON, 1947, p.20)

Tendo essa prerrogativa em busca de teorizar o pós-modernismo, Hutcheon estabelece um ponto de partida específico que, embora polêmico, servirá de norte para a compreensão. Temos o pós-moderno:

Como uma atividade cultural que pode ser detectada na maioria das formas de arte e em muitas correntes de pensamento atuais/aquilo que quero chamar de pós-modernismo é fundamentalmente contraditório, deliberadamente histórico e inevitavelmente político. Suas contradições podem muito bem ser as mesmas da sociedade governada pelo capitalismo recente, mas seja qual for o motivo, sem dúvida essas contradições se manifestam no importante conceito pós moderno da "presença do passado" (...) Não é um retorno nostálgico, é uma reavaliação crítica, um diálogo irônico com o passado da arte e da sociedade, a ressurreição de um vocabulário de formas arquitetônicas criticamente compartilhado. (HUTCHEON, 1947, p.20)

Desconsiderando a tendência de Hutcheon (1947) em discutir a relação do pós-modernismo com as narrativas históricas da ficção e da poesia, lançamos sua perspectiva inicial da teorização do pós-modernismo para refletirmos o caráter das ressignificações do feminismo pela noção da “presença do passado”. Significa dizer que: ao identificarmos no discurso das jovens estudantes filiações discursivas na repartição das ondas do feminismo, estamos retomando epistemologias do feminismo que estão marcadas no presente da sociedade, ou melhor, na realidade da geração das entrevistadas. A retomada epistemológica (ou histórica) propôs ressignificações do feminismo na prática, dando visibilidade a outras categorias que antes estavam camufladas pelo viés econômico e político. A partir da teoria feminista clássica como base histórica do movimento, como propunha o Estruturalismo Moderno, marginaliza a elaboração das teorias feministas a partir de outras categorias de análise, como o movimento das mulheres negras, por exemplo. Dessa forma, considerar que as discussões e as novas teorizações do feminismo na pós modernidade, iniciadas há séculos, estão sendo reelaboradas a partir das marcas históricas que movimentos feministas construíram através de mobilizações sociais.

Para isso, devemos considerar que não houve uma ruptura do moderno para o pós-moderno, mas uma encruzilhada entre si. A ideia de encruzilhada e não de ruptura ou transição para a pós-modernidade encontra-se no trabalho da autora da Bila Sorj (2019). Partindo do pressuposto que a teoria feminista clássica por si só não daria conta de explicar, ou melhor, de analisar os movimentos sociais e os fenômenos do gênero feminino, a autora propõe identificar as origens da teoria social feminista e a peculiar inserção do feminismo na fronteira entre Modernidade e Pós-modernidade. Os estudos sobre gênero como um dos grandes precursores para os estudos feministas marcaram como ponto de partida para a compreensão de onde inicia o preconceito das distinções entre os sexos, que fora atribuídos de feminino e masculino e utilizado como binário pela estrutura social. Além disso, contribuir para novas reformulações das teorias feministas, que é a proposta de Marlise Matos (2010).

Inicialmente, ler o título do artigo “Movimento e Teoria Feminista: é possível reconstruir a teoria feminista a partir do sul global?” compreende-se a seguinte noção: a partir das teorias e do movimento feminista, é possível reconstruir a teoria feminista a partir de uma perspectiva histórica marcada pela região periférica onde os indicadores sociais de raça, classe e gênero encontravam-se a margem das discussões? Qual a possibilidade de uma nova proposta teórica feminista e de uma nova onda para o feminismo em outra moldura do Sul para o Norte global? A discussão de Marlise Matos volta-se para uma proposta crítico analítica sobre a predisposição de hegemonizar a teoria feminista do Norte global como parâmetro histórico entre as demais teorias feministas propostas pelo Sul global. Assim, Marlise convoca-nos para obter um novo olhar sobre as teorias feministas a partir do Sul global, “bem como de se pensar uma “quarta onda” para o feminismo brasileiro e o latino-americano.” (MATOS, 2010, p.69)

A “nova” onda toma a sério também a direção rumo a arenas paralelas de atuação, seja no âmbito da sociedade civil ou no das fronteiras existentes entre esta e o Estado, e também é perceptível a partir da afirmação da importância de se considerar as fronteiras interseccionais, transversais e transdisciplinares entre gênero, raça, sexualidade, classe e geração (...) passando pelas exigências das ações de cooperação internacional, introjetando-se na cultura popular até as reflexões mais íntimas e que tangenciam aspectos do reconhecimento da multidimensionalidade subjetiva e identitária. (MATOS, 2010, p. 69)

Entende-se por Norte Global a concepção geográfica, política, econômica e social dos países de primeiro mundo que, pelo contexto histórico, desenvolveram teorias feministas a partir das imediações da realidade emergente de cada país, se tratando da cultura e condição

da mulher. Por Sul global atendem-se as discussões das agendas programadas pelo feminismo da quarta onda como, por exemplo, a interseccionalidade: conceito de articulações teórico-práticas que estabelecem relações às condições de raça, classe e gênero entre os feminismos contemporâneos. Nancy Fraser (2003) propõe aplicar a teoria da justiça como uma tentativa de formular um novo paradigma do feminismo no mundo capitalista contemporâneo. Para esta compreensão a proposta de Nancy Fraser(2003), em seu artigo “Mapeando o imaginário feminista: da redistribuição ao reconhecimento e a representação”, tem como ideia principal estimular uma discussão sobre como podemos reinventar o projeto feminista em um mundo que se globaliza. Além de partir do ponto de vista sobre os indicadores de classe e gênero, a autora elucida as mudanças do feminismo no processo de transformações do capitalismo no Pós-guerra. “O que está por trás dessa mudança geográfica? E quais são as suas implicações políticas para o futuro do projeto feminista?” (FRASER, 2003, p.291) Lançando mão dessas indagações, Fraser (2003) propõe discutir a partir do recorte histórico da segunda onda do feminismo nos Estados Unidos. Ao fazer referência à década de 70, relembra-se a passagem de um comando exclusivista do feminismo que era composto apenas por feministas estadunidenses: mulheres brancas; heterossexuais e de classe média, para um movimento inclusivo que resolveu integrar preocupações com mulheres negras e/ou pobres, lésbicas e mulheres trabalhadoras.

A filósofa apresenta uma crítica acerca da mudança de foco nas pautas feministas: na tentativa de diversificar e ampliar o movimento, foram aplicadas narrativas internas do feminismo ao invés de dar continuidade às pautas de políticas externas, iniciada na primeira onda como direito ao voto e participação das mulheres na vida pública. Apontando a existência de três etapas na segunda onda do feminismo, Fraser argumenta os seguintes processos: inclusão do feminismo relacionado a outros movimentos sociais; as contribuições referentes à discussão da identidade no feminismo e perspectiva do feminismo no domínio transnacional. A autora problematiza, afirmando que houve uma redistribuição do reconhecimento para o caminho da representação. Acredita que a ponte escolhida para discussões feministas estavam devidamente equivocadas. À medida que a globalização estabeleceu domínio sob a sociedade norte americana, o desfoque da redistribuição dos direitos da mulher, que era uma proposta com intuito de diminuir desigualdade social feminista – classe -, passa para as narrativas internas do feminismo, que é discutir sobre identidades, cultura, raça e classe em um dado histórico enfraquecido, como foi no pós-guerra.

Retomando a proposta de Marlise Matos (2010), encontramos contribuições construtivas sobre a trajetória teórica pela qual Nancy Fraser teve como ponto de partida. O foco ao Sul global e as mediações com o Norte Global servem de suporte para explicitar a existência de limitações provenientes a epistemologias ocultas no processo de globalização. A contribuição de Fraser nos mostra uma tendência discursiva concentrada em considerações hegemônicas do Norte global. A autora reconhece a contribuição de Nancy Fraser, mas propõe um novo olhar com o intuito de demarcar territórios a partir das condições sociais, culturais e existenciais das mulheres latino americanas. Em busca de reflexões que possam elucidar e aprimorar discussões nas teorias feministas, Marlise Matos menciona a teoria da justiça e a teoria do feminismo contemporâneo como ponte teórica das discussões. Ao considerar as contribuições de Fraser, a autora percebe a necessidade de explicar sobre o conceito de “esfera pública”, que fora criticado por Fraser, quando Habermas custava afirmar que o espaço público era exclusivamente masculino e naturaliza a esfera privada (doméstica) exclusiva do feminino.

Sobre a crítica, traz-se uma das alegações “a esfera pública seria o local de deliberação acerca do bem comum e também acerca de todos os demais temas que fossem coletivamente alçados a tal condição e seria desejável, inclusive, a tematização de interesses e questões privadas (já que o “privado também é político)””. (MATOS, 2010, p.70) Dessa forma, podemos nos referir à questão da justiça social a partir das seguintes perspectivas:

Haveria assim duas formas correntes de compreensão da justiça: uma que foca a injustiça socioeconômica, enraizada na estrutura político econômica da sociedade (manifestando-se por meio de distintas formas de exploração, marginalização e privação material); e outra, cultural esimbólica, focando a injustiça advinda dos padrões sociais e culturais da representação, reconhecimento, interpretação e comunicação (estas seriam exemplificadas pelas manifestações do não-reconhecimento, da dominação cultural e do desrespeito).(MATOS, 2010, p.71)

Ao repensar sobre essa concepção de justiça social, Marlise relembra que Fraser apresenta atualização com a seguinte ideia:

Para Fraser, agora preocupada com a questão da justiça numa perspectiva global e transnacional (ou pós-vestifaliana), algumas questões passariam a se colocar como centrais, quais sejam: qual seria a moldura adequada dentro da qual considerar as questões de justiça de primeira ordem? Quem seriam os sujeitos relevantes titulares de uma distribuição justa e de um reconhecimento recíproco em dado caso? E como deveríamos determinar “quem” seria finalmente relevante? Em um mundo globalizado, portanto, não somente o conteúdo da justiça, mas também a sua moldura estaria em disputa. (MATOS, 2010, p.71)

Dessa forma, Marlise Matos encontrou preocupações sobre a relação entre justiça social e o cenário preestabelecido que reina a desigualdade social, onde o sobrepeso da minoria predomina sobre o feminino. Ao que Marlise chama de moldura (*frame*), refere-se a uma proposta de considerar perfis carregados de categorias sociais (raça, classe e gênero) e da valoração política em discutir sobre a esfera privada. Enquanto Fraser buscava reaproximar as discussões teóricas do feminismo para o contexto econômico com finalidade de redistribuição, Marlise buscou elucidar as afinidades entre teorizar a quarta onda do feminismo a partir do Sul global. Para melhor elucidar, ela resume o perfil das ondas do feminismo brasileiro escrito por Pinto (2003):

O primeiro expresso por meio da luta pelo voto no âmbito do movimento sufragista – um “feminismo bem comportado” –; o segundo experimentado durante o clima político do regime militar no início dos anos 1970; e a terceira fase – uma espécie de “feminismo difuso”¹⁶: este momento teria se caracterizado “por forte dissociação entre o pensamento feminista e o movimento” e a “profissionalização do movimento por meio do aparecimento de um grande número de ONGs voltadas para a questão das mulheres”. (PINTO, 2003 apud MATOS, 2010, p.80)

A possibilidade de percepção da quarta onda é apresentada por ela com as seguintes características:

A “quarta fase” (mais recente) do feminismo brasileiro e latino-americano que, por sua vez, poderia ser demonstrada por meio: 1) da institucionalização das demandas das mulheres e do feminismo, por intermédio da entrada (parcial) delas no âmbito do Poder Executivo e legislativo destes países; 2) da criação de órgãos executivos de gestão de políticas públicas especialmente no âmbito federal (mas também, no Brasil, de amplitude estadual e municipal); 3) da consolidação no processo de institucionalização das ONGs e das redes feministas e, em especial, sob a influência e a capacidade de articulação e financiamento do feminismo transnacional e da agenda internacional de instituições globais e regionais (...) referidas aos direitos das mulheres; 4) uma nova moldura teórica (*frame*) para a atuação do feminismo: trans ou pós-nacional, em que são identificadas uma luta por radicalização anticapitalista e uma luta radicalizada pelo encontro de feminismos e outros movimentos sociais no âmbito das articulações globais de países na moldura Sul-Sul. Importa destacar que esta é uma proposta pessoal de acréscimo de nova onda à periodização já consensuada de três momentos dos feminismos no Brasil.(MATOS, 2010, p.80)

1.7.1 Perspectiva empírica com a história do feminismo no Brasil

No trabalho intitulado “O Feminismo sob a percepção das jovens estudantes do Ensino Médio em Escola Estadual de Vitória da Conquista/Ba”⁷ defendido como trabalho de conclusão do curso de Ciências Sociais na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, em 2017, ao escutar alunas do Colégio Polivalente de Vitória da Conquista - Ba, do Terceiro ano do Ensino Médio, foram encontrados elementos linguageiros que, em compatibilidade com a hipótese primária da pesquisa, apresentam características de teorias feministas em suas diversas particularidades.

De acordo com as primeiras conclusões desenvolvidas na pesquisa de monografia, que apontam, no resultado da análise sobre as percepções do feminismo, particularidades conceituais, justificando que, além destes, supõe-se que há tentativas de reprodução do masculino como lugar perfeito e ideal a ser seguido, como a participante **R4** apresenta:

R4: *“As mulheres acordaram pra vida. Eram submissas a muitas coisas e hoje são arretadas. E assim, acho que cada uma mostra o feminismo de um forma né? Uma mostra a forma de ser feminista de um jeito, eu mostro a forma de outro jeito, outra mostra de outro jeito. Então cada uma é cada uma né? Então, eu acho que cada uma mostra de um jeito de se pôr, e de lutar de um jeito diferente. Se o feminismo não devia existir, o machismo também não devia existir. O feminismo só existe porque existe o machismo. [...]Não que a mulher vai querer ser maior do que o homem. Não é o oposto do machismo, e não que a mulher queira ser maior que o homem, mas de se igualar a eles. Mesmo nível. Porque ele saindo sem camisa, ele ta praticamente semi nu e porque a mulher não pode sair com a roupa que ela quer?”* (ALVES, 2017, p.37)

Dessa forma, poderíamos canalizar essa perspectiva a uma noção prática de empoderamento, lembrando que com esse tipo de discurso, aos olhos da crítica explícita uma filiação que está atrelada ao combate ao machismo, evocando a emancipação feminina, o que possivelmente serviria de argumento como um discurso propriamente feminista. O modelo de feminismo que se aproxima da emancipação feminina é compatível com a estrutura de racionalidade que se auto-eleva à condição e ao controle social em prol da sobrevivência. Nesta perspectiva, alinhar-se a correntes feministas no Brasil requer transparência da realidade vivenciada pelas jovens meninas/mulheres, correspondentes ao seu lugar de fala.

⁷ALVES, Larissa Silva. O feminismo sob a percepção das jovens estudantes do ensino médio em Escola Estadual de Vitória da Conquista - Bahia. / Larissa Silva Alves, 2017.

Essa experiência em campo será retomada nesta pesquisa à luz da história do feminismo no Brasil em suas fases e vertentes. Inicia-se aqui uma primeira abordagem sobre o procedimento histórico do feminismo brasileiro com enfoque principal sobre a noção do imaginário coletivo sobre a mulher.

Considerando o processo de repartição das ondas, a história do feminismo no Brasil inicia na década de 1960. Marlise Matos (2010) destaca os três momentos iniciais que marcaram o movimento:

O primeiro teria se expressado na luta pelo voto no âmbito do movimento sufragista, numa luta pelo direito ao voto, luta, portanto, por direitos políticos – uma luta universal pela igualdade política. Tal fase foi organizada por mulheres das classes médias e altas e, frequentemente, por filhas de políticos ou intelectuais da sociedade brasileira que tiveram a chance de estudar em outros países, tendo configurado, segundo Pinto (2003), um “feminismo bem comportado e/ou difuso”. O segundo momento do feminismo no Brasil teria nascido durante o clima político do regime militar no início dos anos 1970, o qual foi uma síntese tanto da desvalorização e da frustração de cidadania no país, quanto de um reforço na opressão patriarcal e teria se caracterizado por um movimento contrário de liberação, no qual as mulheres discutiam a sua sexualidade e as relações de poder, deslocando a atenção da igualdade para as leis e os costumes (...) Teríamos, então, a terceira fase, desta vez referida à forte participação das mulheres brasileiras em todo o processo de redemocratização e na construção daquilo que Pinto identifica como uma espécie de “feminismo difuso” e com maior ênfase ainda sobre processos de institucionalização e discussão das diferenças intragênero (ou seja: entre as próprias mulheres). (MATOS, 2010, p.68)

De modo geral, as propostas iniciais das ondas do feminismo buscaram emancipar as mulheres das tarefas obrigatórias construídas e fixadas na estrutura social, política e econômica, chamadas de patriarcado. Para que não percamos o reconhecimento da realidade da mulher brasileira, é válido lembrar como o imaginário⁸ descreve a composição ideal da mulher, referindo-se ao ideal típico e julgado pelos valores morais da classe cultural dominante. Não só a composição em termos de necessidades expositivas e materiais, mas como deve comportar-se e conduzir-se na vida pública e privada para que não cometa transgressões sociais e venha “sujar” /alterar a corrente hereditária da moral familiar. Esse imaginário, construído pelas religiões, produzido, reforçado e executado pela cultura dominante (diz-se, da posição social de maior poder aquisitivo), se reproduz até dias atuais oprimindo e estigmatizando grupos e pessoas. Ainda que essa corrente imaginária seja

⁸ Refere-se ao imaginário da mulher negra na sociedade brasileira, citado pela autora Núbia Regina Moreira, no livro *A organização das feministas negras no Brasil*, 2011: “Por essa perspectiva, a classificação mulher negra não ocupa um lugar positivo no imaginário brasileiro. Desde a sua constituição, a sociedade brasileira reservou alguns cuidados para com os segmentos não pertencentes às elites construtoras da nação.”

tendenciosamente capaz de fortalecer o preconceito, por outro lado oferece espaços para se questionar sobre o que se pode e o que não se pode deixar explícita sob a condição e conduta de mulheres brasileiras empoderadas. Sabendo que a politização do “podemos e não podemos” limita a proporção de liberdade conquistada por nós, socialmente, poderá nos ajudar a longo prazo e, quiçá, a futuras gerações de meninas/mulheres que almejam ocupar espaços e privilégios em nome do feminismo.

Romantizar os papéis sociais preestabelecidos ao gênero feminino, sob aceitação das adequações impostas pela estrutura social e econômica, é uma forma de perpetuar estigmas aos fenótipos femininos pelo imaginário coletivo, como já fora feita pelo clássico *Casa Grande Senzala* de Gilberto Freire e analisado por Núbia Regina Moreira.

Ao argumentar sobre a contribuição da mulher para a formação da família brasileira, [o autor] a coloca como sujeito preparado para o desempenho desse papel social, embora utilize uma classificação hierárquica para o cumprimento de tais papéis: “[...]Brancas para casar, mulata para f... negra para trabalhar”, ditado em que se sente, ao lado do convencionalismo social da superioridade da mulher branca e da inferioridade da preta, a preferência sexual da mulata.”[...] (MOREIRA, Núbia Regina, 2011, p. 25-26)

Sendo assim, o processo intelectual de apreensão dos conceitos de gênero, feminismo e empoderamento favorece a quebra dos imaginários estereotipados, presentes em escritas literárias descritas pelo gênero masculino.

2METODOLOGIA

2.1 Percursos de investigação – Entrevista em grupo

Neste capítulo, detalharemos as etapas realizadas no percurso da pesquisa, as dificuldades e repercussões geradas, além de apresentar o perfil das estudantes que participaram da entrevista em grupo, sendo elas o objeto da pesquisa em questão.

A intencionalidade em pesquisar, discutir e selecionar questões que envolvem gênero e feminismo e as lutas contemporâneas foram aguçados a partir da conscientização sobre a representação feminina na sociedade, adquirida no decorrer do curso de Ciências Sociais. Os temas retomados na disciplina de Tópicos em Literatura, além da participação no Grupo de

Estudo em Teorias do Discurso (GETED), com enfoque nas questões de gênero e feminismo, tornaram-se ainda mais familiares e deram sentido ao que de fato sempre estiveram presentes na vida cotidiana: os conflitos gerados nas discussões sobre o feminismo e questões relacionadas à emancipação feminina. Temáticas importantes como literatura e feminismo, a escrita feminina, dentre outros assuntos relacionados à estereotipação da mulher na sociedade, juntamente com as abordagens sobre as escrevivências femininas, são assuntos que serviram-nos como pilar para compreensão dos temas adotados neste trabalho.

Em paralelo com as sugestões propostas durante a disciplina de Epistemologia e Metodologia do Projeto de Pesquisa Interdisciplinar, no Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens, novos olhares críticos foram desenvolvidas e hipóteses motivadoras para a escolha do tema de pesquisa. A partir das sugestões lançadas, foram estabelecidos novos objetivos específicos e um novo campo de pesquisa, que foi o Instituto Federal da Bahia (IFBA), campus de Vitória da Conquista - Ba, foi necessário proferir possibilidades de investigação de acordo com o calendário escolar. Após tentativas de aprovação do projeto pelo Comitê de Ética e pelo consentimento do órgão administrativo (Diretor, Vice-coordenador e Coordenadora pedagógica – COTEP) do IFBA, buscamos organizar um evento convidativo para que as alunas pudessem se inscrever à participação voluntária da pesquisa. Para este evento, produzimos um projeto de extensão com a proposta de estimular criticidade social dos/das estudantes acerca do feminismo, do empoderamento, do machismo e das noções de gênero. O método para as abordagens dos temas foi apresentar um curta-metragem chamado *Maioria Oprimida - Majorité Opprimée*⁹ com os objetivos de: reunir estudantes da turma do 4^a ano do ensino médio/técnico do IFBA, do curso de Eletromecânica (proposto pela coordenadora pedagógica) para assistir ao curta-metragem e discutir sobre machismo, feminismo, gênero e empoderamento. Foram inscritas seis (06) meninas do sexo feminino para participar da entrevista em grupo. Como estávamos próximo ao recesso escolar, ficou decidido entre as participantes que seria após o recesso, no próprio Instituto Federal da Bahia e no horário em que todas tivessem disponíveis. A organização da entrevista foi determinada pelas próprias meninas por grupo organizado pelo aplicativo de comunicação ativa, *WhatsApp*, à critério da disponibilidade de cada uma das participantes. Sendo todas da mesma turma, ficou estabelecida a entrevista em horários vagos antes do intervalo das aulas. Justificamos que as inscrições só foram feitas por alunas

⁹**Sinopse:** Filme da diretora francesa *Eléonore Pourriat* mostra o cotidiano de um homem comum em uma sociedade onde ele é oprimido pelas mulheres pelo simples fato de ser... homem. Piadinhas na rua, elogios que não são bem vindos, provocações sexuais, olhares totalmente indiscretos, todas essas características são, infelizmente, comuns ao cotidiano feminino. O filme mostra a mesma situação, mas ao contrário.

da mesma turma por motivos de dificuldade em encontrar alunas maiores de 18 anos e que tivessem em processo de desligamento com o espaço escolar de nível médio, partindo para o mundo do trabalho.

Assim, demos início à entrevista, no dia, horário e local decidido e solicitado pelo setor pedagógico do IFBA, Vitória da Conquista-Ba. Os dados foram recolhidos e aplicados em processo de transcrição e análise, pelo qual seguem na seção3 (Análise e discussões).

Tratando-se de campo e das subjetividades dos sujeitos, a pesquisa qualitativa é eficaz para obter dados e respostas satisfatórias para essa pesquisa. Por seu turno, entende-se por pesquisa qualitativa um método de análise e compreensão dos dados obtidos no campo de pesquisa, tendo como foco a análise das significações da realidade dos sujeitos humanos. Segundo Minayo,

A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2011, p. 22)

Tendo como alicerce nesta pesquisa qualitativa, a análise crítica do discurso se evidencia por apresentar, através das falas das estudantes, a realidade vivenciada pelas jovens acerca do conceito sobre feminismo. Portanto, adotamos como técnica de pesquisa o grupo focal para analisar, através das falas e comportamentos no interior do grupo das estudantes de ensino médio/técnico, o discurso sobre o feminismo. Diferente das outras técnicas de entrevista de grupo, o grupo focal é uma técnica de pesquisa que proporciona, não só uma análise apurada do discurso do sujeito, mas também as formas como esses sujeitos se comovem diante das perguntas lançadas pelo moderador do grupo. Nesse sentido, “O grupo focal capta uma multiplicidade de perspectiva e de processos emocionais no interior de um grupo” (AMADO, 2014 apud GIBBS, 1997, s/p.).A técnica consiste na escolha de uma temática, “O que você pensa sobre o feminismo?”, direcionada a cada sujeito da pesquisa e em interação com as demais participantes do grupo, deixando-as à vontade para expressar, mas evitando a fuga do tema em foco. De modo geral, esta técnica está alinhada pelo discurso e pela teoria do discurso, pois o conceito de discurso curva-se não apenas no conteúdo, mas, sobretudo, na forma como os sujeitos se expressam (mensagem e metagem). Ainda que o critério inicial de investigação fosse com a técnica do grupo focal, adaptamos nesta pesquisa apenas como uma entrevista em grupo, já que a proposta do método de grupo focal é reunir maior número de participantes e que entre elas haja a menor intimidade possível. Ou seja, reunir participantes de outras turmas, de preferência desconhecidas entre elas. Além dessa

adaptação, inserimos mais perguntas relacionadas ao Feminismo no guião da entrevista (Anexo D), buscando coerências entre os elementos discursivos nos atos de fala. Mesmo que a seleção das estudantes tenha sido com alunas do mesmo curso e da mesma turma, notamos ponto positivo para a pesquisa ao perceber que as jovens se sentiram mais à vontade para expressar a respeito do que sabiam sobre as temáticas. Positivo, por estar em interação constante com as colegas de sala e principalmente pela confiança em relatar as vivências pessoais e familiares frente a estas.

A interação dentro do grupo possibilita a produção de dados que provavelmente não estavam presentes nas hipóteses do pesquisador. Esta é uma das características que distinguem das outras estratégias de pesquisa. Nesse sentido, esse método parte do princípio de que “a interação será produtiva ao alargar o leque de respostas possíveis, ao reativar detalhes esquecidos da experiência, ao liberar os participantes de inibições relativamente à divulgação da informação” (AMADO, 2014 apud. MERTON, 1956, cit. por CATTERALL e MACLARAN, 1997, s/p.). A técnica consiste na escolha de uma temática. Neste trabalho, escolhemos “*O feminismo*”, seguida por um roteiro de perguntas direcionado a cada sujeito da pesquisa e em interação com as demais participantes do grupo, deixando-as à vontade para expressar, mas evitando a fuga do tema em foco.

Segundo Amado (2014), existe uma certa “liberdade” na preparação e formas de aplicação do grupo focal, a depender dos objetivos desejados. Portanto, sob os moldes da entrevista de investigação semidiretiva, a elaboração do guia de perguntas não exige linearidade do roteiro, desde que não haja fuga do tema. Por compreender a existência dessa liberdade na técnica, foram necessárias algumas adaptações nesta pesquisa, como explicado acima. Após a seleção dos sujeitos entrevistados, elaboramos uma carta convite, solicitando a participação de cada jovem para o grupo e esclarecendo o funcionamento da técnica. Em seguida, foi entregue a cada convidada um termo de consentimento, aceito pelo Comitê de Ética da instituição (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia), para esclarecer aos pais e às estudantes (declaradas com maior de idade) confidencialidade e preservação do anonimato, assegurando sua privacidade e identidade.

A elaboração do roteiro das entrevistas, que é relativamente parecido ao roteiro de entrevistas individuais, foi mais uma adaptação na técnica de investigação deste trabalho, com intuito de aprofundar as informações da temática e facilitar aberturas de discurso por cada uma a ser desenvolvido.

2.2 ANÁLISES DO DISCURSO (AD) EM CHARAUDEAU E VAN DIJK COMO MÉTODO DE ESCUTA

Em Estruturas do discurso e estruturas do poder, Teun A. van Dijk (2010) busca detalhar como fazer análises referentes às relações entre discurso e poder social com o intuito de averiguar “como esse poder é exercido, manifestado, descrito, disfarçado ou legitimado por textos e declarações orais dentro do contexto social.” (DIJK, 2010, p.39) A partir dessa abordagem, o autor trará pontes teóricas que interligam o poder societal das classes (as influências do poder na pirâmide social), dos grupos ou das instituições (minorias; escolas; igrejas e trabalho) e o exercício do poder na interação e no discurso em níveis sociais. Para Van Dijk (2010), o discurso não é singular, é plural e é construído pela historicidade do sujeito. Uma forma de exposição partidária entre as subjetividades do sujeito.

Os conceitos metodológicos aqui tratados correspondem às possíveis influências da mídia, que é um dos instrumentos favoráveis para o controle social a favor da classe dominante. Dessa forma, van Dijk norteará com conceitos fundamentais para articular porque e como são produzidos os elementos discursivos sobre o feminismo pelas estudantes.

Em “A análise do poder”, o autor apresenta características do poder social, fazendo breves definições relacionadas ao conceito de poder: primeiro, o conceito de poder social é caracterizado pelas relações entre grupos, classes ou outras formações sociais. Nesse sentido, podemos apontar um dos fatores que diferem ou comungam essa relação: a cultura. Do ponto de vista complexo, pelo qual não pretendemos adentrar, podemos compreender a cultura ao assimilar ao conjunto de características e modo de ser do indivíduo num determinado grupo no contexto social. Apostar nesta ideia de cultura nos faz compreender que existe uma ligação tradicional entre as pessoas de um determinado grupo e que somam costumes, símbolos, gostos, acessibilidades e comportamentos. Sendo assim, essa relação entre poder social e cultura é associar a existência do etnocentrismo¹⁰ ainda presente nessa pirâmide de poder, segundo van Dijk.

Segunda característica, para essa análise, é destacar que as relações de poder social são manifestadas através da interação, e que essa interação entra em conformidade no poder. Por exemplo: um grupo A possui um controle (cognitivo) elevado sobre os agentes do grupo B

¹⁰ Etnocentrismo é uma forma de privilegiar sua visão de mundo, representações, nacionalidade e etnia frente às demais.

que, por sua vez, carece de aparatos de sustentação desse controle, portanto se mantém limitado em relação às ações do grupo A.

Na terceira característica, o autor destaca que, para que as ações de A mantenham-se no poder real (exceto em casos de força física) sobre as ações de B, eles precisam ter controle nos âmbitos relacionados a desejos, planos e crenças. Ou seja, nesse sentido, o poder de argumentação que reside nas ações de A tem a capacidade de manipular e influenciar sobre as ações de B, em prol de seus interesses. Além desse poder de “argumentação”, existem outros tipos de ações que exercem poder. Nesse caso, podemos chamar de ações indireta do poder e acontecem por meio da “mente” das pessoas, segundo van Dijk (2010). Esse tipo de ações indiretas de poder possibilita ao grupo A controles necessários de informações e/ou de opiniões para permear no campo das ações. Segundo o autor, a única forma de controle social é através do “controle mental”. Esse controle tem o poder de manipular, emancipar e influenciar a aceitação da condição do grupo oposto.

A quarta característica refere-se a outro fator estratégico para identificar o grupo favorável ao poder, que é saber que há base sustentável, que há subsídios de suporte que os favorecem (grupo A) no destaque social. Esses recursos distribuídos são “riqueza, posição, posto, status, autoridades, conhecimento, habilidade, privilégios ou mesmo o mero pertencimento a um grupo dominante ou majoritário.” (DIJK, 2010, p.42). Logo, o exercício do poder em A sempre irá favorecer para A.

Na quinta característica, o autor lembra que o fator crucial para que esse exercício do poder seja reconhecido e legitimado de A sobre B, é necessário que A conheça e saiba dos desejos, vontades, preferências ou intenções de A. Ou seja, há um fio condutor, seja nos atos de fala, observação e comunicação direta, inferidos pelos valores das normas, sejam nos valores culturais presentes na estrutura social (ideológica) através do consenso, visualizadas e interpretadas pelas ações sociais de A.

Na sexta característica, Teun A. van Dijk (2010) explica o exercício do poder nas sociedades ocidentais contemporâneas que opera o controle social, mesmo sendo agentes poderosos em apenas um domínio social (política, economia, educação) ou em qualquer contexto social que envolva mais de um indivíduo. Reforça o autor, que isso não significa que o poder seja uma simples forma de ação, nem se limita a isso, mas uma forma de interação social. Nesse sentido, insistimos em acrescentar que dentro dessa interação exista uma sensibilidade de apreensão e reprodução de comportamentos considerados centrais na

estrutura do poder. Este é um dos pontos pelo qual favorece a compreensão e análise dos dados.

Na sétima característica, o autor afirma que, para a manutenção do exercício de poder social, é baseado por uma estrutura ideológica, formada por “cognições fundamentais, socialmente compartilhadas e relacionadas aos interesses de um grupo” que são apreendidos por seus membros, podendo ser “confirmada ou alterada por meio da comunicação e do discurso.”

A oitava e última característica, o autor aponta um ponto importante quanto à análise do poder, que ele deve ser analisado a partir das resistências vindas dos grupos dominados. Por esse viés, podemos exemplificar que a maioria dos estudos sociais parte de um público alvo que é a minoria, membros e grupos desfavorecidos socialmente.

Em “Controle do discurso e modos de reprodução discursiva”, perguntas como “quem pode falar ou escrever o que, em quais situações? Quem tem acesso aos vários gêneros e formas do discurso ou aos meios de sua reprodução?” fazem parte de uma abordagem importante para esta introdução da análise. Ainda em van Dijk (2010), o escritor relata um fato do cotidiano presente no corpo social, que é a forma como a comunicação discursiva é distribuída dentro do papel social e reproduzida por cada ator social. Esse apontamento nos remete a uma compreensão do recorrente exercício do poder sendo executadas nas mais variadas instituições sociais. Nessas interações, há uma relação que destaca o produtor/reprodutor do discurso e o receptor dessa linguagem. Esse meio de comunicação juntamente como a linguagem estabelecida no discurso são provenientes de grupos e membros que têm acesso a discursos formais, que são apresentados pelos setores jornalísticos: jornais, tv’s, rádios e redes sociais, que na atualidade tem sido um dos meios midiáticos mais utilizados e influentes do mundo. E assim, os que são detentores do controle de discurso que, apenas, disponibilizam termos ou imprimem termos propícios para um determinado público alvo. Os produtores de discursos possuem ferramentas de controle que de alguma forma, persuasivamente ou não, influenciam os públicos no processo de apropriação discursiva.

Produções enunciativas como “Meu corpo, minhas regras”, utilizadas como jargões feministas, estão sob domínio midiático a favor do movimento feminista para que venha fortalecer e dar visibilidade as mobilizações. A inquietação surge da seguinte preocupação: como se dá a apropriação discursiva dos jargões pelas jovens entrevistadas nessa pesquisa e como reproduzem em seus discursos? Em quais contextos dentro da realidade que vive?

Ainda que não adentremos sob um método de pesquisa baseado pela etnografia ou estudos de caso, analisaremos os discursos das estudantes identificando elementos discursivos de reprodução feminista e qual filiação discursiva elas se filiam.

Então, ressalta o autor que a produção da articulação dos discursos é feita pelas “elites simbólicas” – jornalistas, escritores, artistas, diretores, acadêmicos e outros grupos que exercem o poder com base no “capital simbólico” (Bourdieu, 1977, 1984; Bourdieu e Passeron, 1977 apud DIJK, 2010, p.45). Acrescenta ainda que os membros desses grupos possuem liberdade na aplicabilidade dos termos e exercem poder de escolha na formação e apresentação do discurso. A importância da elaboração do discurso por essa “elite simbólica” se deve a sustentação à estrutura ideológica e manutenção do exercício de poder nas sociedades modernas.

No tópico “Estratégias de controle cognitivo e de reprodução ideológica”, o autor reforça a existência do controle exercido sobre os mais fracos no domínio socioeconômico (dinheiro, emprego, serviços de assistência social), “um componente importante do exercício e da manutenção do poder é ideológico e baseia-se em vários tipos de aceitação, negociação, contestação e consenso.” (DIJK, 2010, p.46-47). Constata também que o poder simbólico exercido por agentes (elites simbólicas) é considerável para analisar as estratégias de controle cognitivo e de reprodução ideológica.

Partindo da hipótese que as interações em redes sociais e a exposição ao discurso midiático televisivo importam em desvios conceituais no processo de apropriação de idéias feministas, ressaltamos que o controle discursivo da mídia limita a capacidade de produção intelectual sobre conceitos que envolvem construções e desconstruções sociais. Isso está implícito principalmente nas tentativas de mobilizações sociais com maiores números de seguidores nas ruas. Não que a mídia está equivocada em exibir noticiários com esse teor, mas a forma como soam o discurso é que dita como ocorre à apropriação discursiva pelo público. A impressão é de certa distorção conceitual se observada na prática, enquanto que o processo de apropriação depende da condição receptiva, da criticidade e da realidade empírica do público alvo.

Se tratando do sexo feminino e das formas de opressão do gênero, ao mencionarem notícias de violência contra a mulher e exibição de relatos de experiência em redes sociais, as jovens entrevistadas demonstraram que a internet é o principal meio de informações que encontram para exemplificar o que sabem sobre o tema proposto. Significa dizer que os

discursos feministas são norteados pelas influências da mídia e apreendidos através desta para suas práticas cotidianas. Ou seja, sob o controle da mídia que a produção ideológica é manifestada nos discursos.

Para falar sobre uma nova abordagem da ideologia, o autor ressalta que há uma necessidade de rever o conceito de ideologia já que tem um papel crucial para a argumentação sobre o papel do discurso e da legitimação do poder. De modo geral, o autor prefere apontar o conceito de ideologia por “consciência” de um determinado grupo ou classe. Ao dar ênfase a esse conceito, pode-se compreender que ideologia e as práticas ideológicas “são freqüentemente adquiridas, exercidas e organizadas” (DIJIK, 2010, p.47). Podemos associar então, esse conceito à um tipo de “influência externa”: a ideologia propriamente dita sendo uma proposta abstrata dos meios institucionais formalizados e informalizados. A exemplo dessa análise tem-se a análise marxista: a ideologia dominante de cada período costuma ser a ideologia dos que controlam os meios de reprodução ideológica, especificamente, a classe dominante. Recordar-se do conceito de Ideologia por Althusser, explicado no texto de Tecnologia de gênero. Dessa forma, segue o autor dizendo que a classe dominante tende a esconder sua ideologia (e seus interesses) e por meta fazer essa tradição seja aceita pelos sistemas de valores, normas e objetivos “geral” e “natural”. “A ideologia em si não é o mesmo que essas práticas e instituições (...), tomamos como ponto de partida o fato de a ideologia ser uma forma de cognição social.” (Idem, p.48)

Segundo essa análise, uma ideologia é uma estrutura cognitiva complexa que controla a formação, transformação e aplicação de outros tipos de cognição social, tais como o conhecimento, as opiniões e as posturas, e de representações sociais, como os preconceitos sociais. (DIJIK, Teun A. van, p.48)

Encaminhando a teoria de Teun A. van Dijk, apoiando aos conceitos finais: representação social e ideologia, temos outro conceito que se correlaciona com a proposta do trabalho, a noção de imaginário e de imaginários sócio-discursivos, por Patrick Charaudeau (2017). Para iniciar esta discussão, Charaudeau afirma que “representações sociais são, como consequência, um modo de tomar conhecimento do mundo socialmente partilhado.”(CHARAUDEAU, 2017, p.575) Sem querer atribuir ênfase conceitual pela psicologia social, o autor se refere a esse termo, dando-lhe a ideia de “representações partilhadas”:

Noção fundadora da atividade da linguagem, que repousa sobre a idéia da adesão de membros de um grupo aos valores comuns, que seriam consenso

para que pudessem se comunicar, idéia fortemente discutida por certos psicólogos. (DOISE, 1985 apud CHARAUDEAU, 2017 p.575)

Por essa perspectiva, o autor entende que “as representações sociais não são um subconjunto dos imaginários ou das ideologias como outros propõem (BOYER, 2003 apud CHARAUDEAU, 2017, p. 19), mas como uma mecânica de engendramento dos saberes e dos imaginários” (Idem, p.576). Falando em imaginário, o autor agrega o seguinte conceito:

É uma forma de apreensão do mundo que nasce na mecânica das representações sociais, a qual, conforme dito, constrói a significação sobre os objetos do mundo, os fenômenos que se produzem, os seres humanos e seus comportamentos, transformando a realidade em real significante. Ele resulta de um processo de simbolização do mundo de ordem afetivo-racional através da intersubjetividade das relações humanas, e se deposita na memória coletiva. (CHARAUDEAU, 2017, p.578)

Esse imaginário pelo qual referimo-nos corresponde à noção relacional de imaginário e de arquétipo, ainda no texto de Charaudeau (2017), que descreve o conceito desenvolvido por Jung: “como um conjunto de temas recorrentes que construiria os imaginários pessoais sobre um fundo comum de inconsciente coletivo.” (Idem, p.577)

2.3 Sujeitas da pesquisa

Os critérios de seleção das estudantes para a colaboração da pesquisa se deram por inscrições promovidas ao interesse de cada jovem. Além da divulgação feita pelo Instituto Federal da Bahia (Campus de Vitória da Conquista - Ba) de trabalhos organizados pelas estudantes sobre a temática da violência contra a mulher, em combate ao machismo.

A turma é composta por 27 estudantes: 15 meninos do sexo masculino e 12 meninas do sexo feminino, a maioria entre a faixa etária entre 17 e 20 anos. Foram inscritas 06 meninas desta turma, contudo, das seis (06), apenas 5 conseguiram comparecer. A homogeneidade do grupo é outro fator importante pelo qual Amado (2014) alerta nesta técnica. A técnica de entrevista em grupo consiste em reunir um considerável número de integrantes. A decisão de escolha pelo público feminino ao invés do masculino ou à mescla dos dois gêneros deve-se em parcela pelas repercussões e discussões geradas sobre feminismo e movimento feminista da atualidade, nas redes sociais e nos canais de informação. Além de

saber que a presença de outros sujeitos, sob diferentes condições humanas, inibiria a exposição dos dados durante a entrevista.

A homogeneidade permite maior profundidade na recolha de dados, na medida em que os participantes se identificam mais facilmente com a experiência coletiva (idiosincrasia dos dados), [...] Pode ser inibidor misturar pessoas do sexo feminino e masculino, ou de proveniências culturais diferentes. (AMADO apud. STEWART e SHAMDASANI, 1998, p. 229).

A partir desse critério de seleção, adaptados para seleção dos sujeitos, o perfil das jovens foi analisado através de um questionário socioeconômico (Anexo C). Buscamos informações como: idade, profissão, estado civil, identificação de cor/raça, o que pretendem fazer após a formação no ensino médio, com quem mora, renda, dentre outras perguntas relativas à posição socioeconômica de cada uma. Cada uma possuía perfis sociais semelhantes. A identificação das entrevistadas foi em forma de abreviação, por **D1**, **D2**, **D3**, **D4** e **D5**.

Por ordem, no dia da entrevista, segue a seqüência dos perfis da cada participante:

	IDADE	PROFISSÃO	ESTADO CIVIL	COR/RAÇA	RENDA FAMILIAR	MODALIDADE DA ESCOLA NOS ENS. FUND E MÉDIO
D1	18anos	Não	Solteira	Branca	01 a 03 salários	Maior parte pública
D2	18 anos	Estágio	Solteira	Parda	01 a 03 salários	Privada com bolsa
D3	18 anos	Não	Solteira	Parda	01 a 03 salários	Pública
D4	19 anos	Não	Solteira	Branca	03 a 06 salários	Pública
D5	18 anos	Não	Solteira	Parda	03 a 06 salários	Pública

Sugerimos que o questionário fosse respondido via e-mail, já que na primeira tentativa de se marcar a entrevista não se obteve êxito.

3 DISCURSOS DAS ESTUDANTES ACERCA DO FEMINISMO

3.1 Gêneros: feminino e masculino?

Considerando as epistemologias subjetivas, assim como o fluxo das experiências pessoais, as entrevistadas apresentam discursos endereçados por sua trajetória de vida pessoal e familiar. Portanto, buscamos destacar elementos discursivos (da formação discursiva) presentes nas falas das estudantes que apresentam esse aspecto epistemológico. Além disso, de identificar as filiações discursivas aos feminismos em que as informantes têm por tendência. Ao sugerir que as discussões sejam compreendidas pelo lugar de fala, iniciamos a entrevista em grupo com a seguinte proposta: relatar a rotina.

D1: Eu, geralmente, acordo cedo e aí eu costumo estudar ou às vezes eu venho para o estágio. Aí meu estágio é de 8:00 às 12:00. Quando tenho estágio, fico a **manhã toda no estágio**, quando fico em casa **geralmente fico estudando em casa**. E aí, eu entro na aula 13:00h. (...) Fico até às 18:00 e volto pra casa, chego em casa perto de 19:40 por aí. (...)

D2: Eu acostumo acordar 7:00h todo dia porque **eu tenho estágio** e como meu estágio é muito longe, até chegar lá é 13:00h, então eu acordo 7:00, pego ônibus 8:00, chego lá 9:00 e aí eu fico lá até as 12:00h. Já almoço lá também, aí de lá eu venho direto pro IFBa, (...) passo a tarde aqui no IFBa, que geralmente é até às 18:00h. (...) E quando eu chego em casa, depende muito o que tem pra fazer. **Se tem muita coisa do colégio, geralmente isso que é prioridade**, se não, às vezes **arrumo a casa se precisar, se meu pai tiver trabalhando**. Se não, geralmente ele arruma. (...) E no final de semana, quando tem muita coisa da escola, aí geralmente eu faço essas coisas no final de semana.

D3: Minha rotina, geralmente quando **eu tenho estágio**, eu venho pra cá mais cedo. Geralmente, tenho que estar aqui 8:00h e eu fico aqui também à tarde, tem o horário que as meninas falaram: até umas 6:00 e pouca mais ou menos. Quando volto pra casa de ônibus, chego em casa por volta das 19:00 (...) Quando eu vou de moto com meu namorado, chego um pouco mais cedo. E a depender da rotina do dia, **se não der pra estudar de manhã, tenho que estudar pela noite**. No nosso caso, pra vestibular, pra Enem, essas coisas, a gente tem que estudar um tempo aditivo. E, geralmente quando é coisas de casa, como eu moro com quatro (4) pessoas, a gente estipula o que cada um tem que fazer.

D4: Eu acordo 8:20, começo a estudar 8:30, aí estudo até 12:15, guardo a louça, almoço, **me arrumo e venho para o IFBa**. Fico até umas 18:00h. Aí chego em casa, estudo mais um pouco, vou treinar, quando eu volto já é um pouco mais tarde, umas 22:30h. E eu faço algumas coisas que tem pra fazer, **geralmente para estudar e**

descansar mesmo. E a rotina é essa. E final de semana, **eu estudo pela manhã, no sábado**. À tarde eu fico com meu namorado e dia de domingo, descanso.

D5: Eu acordo geralmente 8:00h, eu vou pra academia, volto, **faço minhas coisas de casa**. Como moro sozinha e com as minhas amigas, almoço esse tipo de coisa, me arrumo, **pego o ônibus para o IFBa**, fico aqui no horário de 13:00 até 18:00 e pouco. Eu chego em casa umas 18:40 por aí, **aí eu vou estudar, aí estudo até umas 00:00h, 01:00h da manhã por aí**. Aí quando chega o final de semana, normalmente **eu deixo pro sábado só estudar** e fazer as coisas, no sábado só pra mexer no meu TCC. Eu faço minhas coisas de casa. No domingo, se faltou muita coisa do meu TCC, eu tento recuperar no domingo mas, geralmente, dou preferências aos sábados.

Para iniciar essa discussão, apresentamos acima a rotina das entrevistadas, que nos serve para constatação das suas condições reais e adversas em relação às mudanças culturais provenientes do feminismo. Nesse sentido, partimos da referência que: a funcionalidade do sistema socioeconômico é baseada pela divisão sexual do trabalho¹¹, onde denominam papéis definidos para os homens e papéis exclusivos para as mulheres. Sendo assim, as tarefas domésticas e o cuidado com o lar pertenciam exclusivamente às mulheres — esfera privada — e as atividades provedoras exclusivas aos homens — esfera pública. Essa transformação ocorreu a partir do século XX, com a força das reivindicações feministas.

Nessa dicotomia entre o público e o privado se consubstanciou a divisão sexual do trabalho, homens provedores e mulheres cuidadoras. Assim, durante um período considerável de tempo, as atribuições sociais, ao mesmo tempo que limitavam as mulheres a permanecerem no espaço privado, delegavam aos homens, como “destino natural”, o espaço público. Com as transformações no cenário socioeconômico, com as revoluções culturais e a força do movimento feminista no século XX, novas configurações sociais foram surgindo, fragilizando de modo conjunto a dicotomia entre público e privado e o modelo homem provedor e mulher cuidadora (SOUSA; GUEDES, 2016, p. 123).

Assim, esclarecido, pode-se constatar através das falas que as jovens entrevistadas possuem uma rotina de estudantes com perspectivas de progressão profissional, e com maior parte do tempo sendo administrada na esfera pública ao invés de rotinas domiciliares. Destacam-se então elementos discursivos que demonstram evoluções feministas no que diz respeito a oportunidades de atuação na esfera pública, ainda de terem o direito de escolha sobre o que querem fazer e a preferência é o estudo.

¹¹Termo utilizado no artigo de título “A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década”, de Luana Passos de Sousa e Dyeggo Guedes Rocha, para designar a dicotomia entre público e privado: “homens provedores” e “mulheres cuidadoras”.

É notório que as falas apontem para um lugar de fala diferenciado do que denuncia Bell Hooks (1995), em seu texto *Intelectuais negras*, no qual a autora afirma o que fora por muito tempo um problema para mulheres negras: o tempo livre de obrigações domésticas e o direito a educação. Primeiro que,

Dentro do patriarcado capitalista com supremacia branca toda a cultura atua para negar as mulheres a oportunidade de seguir uma vida da mente, torna o domínio intelectual um lugar interdito. (HOOKS, 1995, p.468)

Segundo, por que

O sexismo e o racismo atuando juntos perpetuam uma iconografia de representação da negra que imprime na consciência cultural coletiva a idéia de que ela esta neste planeta principalmente para servir aos outros. (Idem, p.468)

Dessa forma, nota-se que diferentemente das oportunidades lançadas para essas entrevistadas, que se autodeclaram entre brancas e pardas (e não negras), as mulheres negras “têm sido historicamente vistas como encarnação de uma perigosa natureza feminina que deve ser governada”. Embora, **D2** e **D5** se autodeclaram pardas, possuem traços fenotípicos de mulheres negras. Sendo assim, fica explícito que apresentam dificuldades em declarar sua identidade racial, que são sinais de resquícios de preconceito da imagem da mulher negra. Entre outros motivos ligados ao preconceito, mais que qualquer grupo de mulheres, nesta sociedade, o grupo das mulheres negras têm sido consideradas “só corpo sem mente” (HOOKS, 1995, p.469). Segundo Bell Hooks (1995), as representações globais das mulheres negras continuam a enveredar para a idéia do “sexual”. Portanto, o imaginário das próprias mulheres negras continua a se auto-rejeitar para a capacidade intelectual e o coletivo social perpetuam em bloquear espaços educacionais para estas.

Desde que o sistema econômico capitalista vigorou no Brasil, as discussões e pautas feministas na década de 70 justificavam que a inclusão da mulher no mundo do trabalho possibilitaria um desenvolvimento econômico para a sociedade, em âmbito universal. Em seguida, a conquista da pílula anticoncepcional possibilitou a autonomia feminina em decidir sobre seu próprio corpo, controlar e limitar a reprodução. Essa conquista histórica do movimento feminista reflete na atuação cotidiana e nas escolhas dessa geração das estudantes do IFBa.

3.1.1 Gênero

O Gênero sendo uma categoria de análise pelos estudos feministas é entendido pelas jovens estudantes da seguinte forma:

D4: Feminino, masculino? Pra mim, a pessoa é: **ou ela é mulher ou ela é homem**; **D1:** Na minha concepção de gênero é **como a pessoa se identifica, não só como o mundo a vê**, como feminino e masculino, **mas como ela se sente no corpo que ela tá.** ; **D2:** Eu acho que é a mesma coisa; **D3:** É porque ideologia de gênero é diferente do gênero (...)

Após serem feitas outras perguntas a respeito do que nos interessa no objetivo desta pesquisa, perguntas como: o que entendem sobre sexualidade, casamento, amizade, estudos, religião, entre outras, retomamos outra pergunta relacionada ao conceito de gênero: o que entendem sobre desigualdade de gênero?

D4: Sálario, que em **muitos lugares o homem recebe mais do que a mulher** e é o mesmo cargo. Isso é uma desigualdade.

D2: Sim, esse dias eu vi no Instagram de cinema e aí tinha a lista dos atores mais bem pagos, que foram mais bem pagos no ano de 2019 (...) E na parte de cima tinha a imagem do homem o salário embaixo, a atriz e o salário dela. A diferença entre o que tava em primeiro lugar mais bem pago e a mulher que tava em primeiro lugar, era gritante, era quase o dobro que ele recebia no lugar dela. E eu vi muitos comentários dizendo assim “Nossa! Fulana é uma atriz muito melhor que Ciclano, e ele ganha muito mais do que ela. Isso é um absurdo.” E isso tá, praticamente, em todas as profissões. (...) **A pessoa ter o mesmo cargo e ganhar menos só porque é mulher ou ganha mais só porque é homem.** Isso é absurdo. Eu lembro que uma vez eu vi um vídeo a menina falou assim: se você olha pra um cara que ta sem camisa, falando palavrão e fazendo gesto obsceno, ele é só um cara, mas se você olha pra uma mulher que ta sem camisa, falando palavrão e fazendo gestos obscenos, ela é taxada de puta. (...) Vamos abrir os olhos!

D5: Eu acho, por exemplo, no futebol: Martha tem o que? Seis (6) bolas de ouro, Neymar tem quantas? Nenhuma! Ele ganha 200 vezes a mais do que ela. Tipo assim não faz sentido. Ela joga, não desmerecendo que ele jogue bem, ele tem a característica dele do jogo dele, do jogo masculino, mas ela ganhar seis bolas de ouro, entendeu? E ele ganhar 260 vezes a mais que ela, eu não concordo. Mesmo se tipo assim, mesmo se fosse ela fosse homem e ele fosse mulher, ela ganhasse uma

diferença de 260 vezes, é complicado. **Não que ela não ganhe muito dinheiro, mas tipo é desproporcional.** E tipo aquela questão né? Se a mulher namora cinco pessoas, avemaria! a mulher é puta né?! Se o homem namora com cinco pessoas, ah, é normal né?! (...) Tantos homens aí que já namorou com não sei quantas pessoas e ninguém fala nada. (...)

D1: É muito desproporcional futebol brasileiro mesmo. A nível mundial mesmo: as jogadoras que mais ganham no futebol brasileiro atual do futebol feminino ganham 8 mil, 10 mil reais e os homens ganham 10 milhões, 11 milhões, entendeu?! Os mesmos jogos, os mesmos lugares, mesmo espaço de trabalho. E eu acho também que a desigualdade de gênero não parte só de ser salário não. Eu acho que às vezes é **uma idéia de espaço.** Porque às vezes “**ah, mas boteco não é lugar de mulher,** não sei o que...” E às vezes sai eu, Élide e Thamile, e a gente fica assim “a gente vai beber, a gente vai beber e acabou.” O povo fica “não, porque é muito feia mulher bebendo, mulher no bar sozinha” Eu falo “Eu vou e pronto e acabou.” E isso parte da minha família mesmo, tinham muito preconceito com isso. **De mulher não poder ir a tal lugar porque é mal vista e fica feio.** E eu falo: mas gente isso não vai mudar nada, isso vai de cada pessoa. (...) Porque o ditado diz: a gente só vive uma vez. Se você não fazer o que você gosta ali, você não vai ter outra oportunidade pra fazer. E eu acho que isso tem mudado muito (...) porque cada vez mais a gente vê que as mulheres estão tomando suas próprias decisões e vendo que aquilo que é errado, é puro machismo.

D3: Outra coisa que eu achava normal, que hoje eu já não acho é **questão de alguma festa,** um reggae, **a mulher pagar menos para dar mais mulher, pros homens.** Por que? A mulher bebe menos?! Tem mulher que bebe muito mais. Para ter mais mulheres pro homem. (...) Chega lá tem um rebanho de mulher, os caras já tira as manguinhas de fora e já fica né?

A formação discursiva das estudantes mostrou-se ainda mais engajada às epistemologias pessoais. Uma formação marcada pelas memórias das convivências sendo postas em suas práticas discursivas em formato de aprendizagem. Nota-se que, de modo geral, ao serem perguntadas sobre o conceito de gênero, simplesmente associam a uma identificação conceitual referente a divergências do sexo biológico, enquanto que **D1,** exceção, possui uma noção diferenciada porque descola completamente o conceito de biologia. O corpo não é o que se vê é o que se sente. Entender que gênero partiu da concepção restrita ao sexo biológico

pode-se considerar uma visão limitada sobre este assunto. Logo, percebe-se uma formação discursiva marcada, talvez, pelas visões religiosas e reproduzidas no seio familiar até mesmo pelas instituições escolares no momento em que o processo de apreensão de gênero se encontrava em desenvolvimento. Justifica-se que este conceito tenha sido configurado pela construção do discurso e de representação de gênero pelo processo de objetivação (feminino x masculino) e de ancoragem (sentido real): montagem de retalhos do saber prático. Ainda na perspectiva de **D1**, diferente da noção de gênero de **D4**, pode-se analisar uma formação discursiva provida de formação do senso crítico e em acompanhamento às transformações sociais. Compreender que gênero é para além das questões biológicas e entender que gênero aborda concepções de como o indivíduo se identifica, torna-se a discussão mais complexa e proveniente para novas visões de mundo. De acordo com o *Dicionário da Crítica Feminista*:

Em português utilizado inicialmente no âmbito da periodização literária (referindo-se aos gêneros poético, dramático e narrativo) e no âmbito gramatical (significando a distinção masculino/ feminino), o termo “gênero” tem vindo a incorporar significados mais explicitamente relacionados com as dimensões políticas, sexual e cultural (MACEDO; AMARAL, 2005, p. 87).

Joan W. Scott (1995) inicia a discussão sobre gênero como uma categoria de análise que as...

(...) Feministas americanas queriam enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indicava uma rejeição do determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” e “divisão sexual”. (SCOTT, J. W, p.72)

Dessa forma, entende-se que gênero não se limita ao sexo biológico nem as diferenças sexuais, mas é uma categoria de análise que feministas se apropriam para reivindicar questões relacionadas às distinções do sexo, que não se limitam a mulheres, mas aos homens. Scott busca amplificar essa discussão propondo uma perspectiva sobre a importância dos sexos dos grupos de gênero no passado histórico. A ideia é descobrir como as antigas sociedades davam sentido às distinções sexuais e como os simbolismos sexuais mantinham a ordem social da época. Além de apresentar breves noções do porquê da categoria gênero existir, apenas, porque existe o sexo feminino.

Seguindo a análise, **D2** concorda com a resposta de **D1**. Já **D3** se limita ao afirmar que ideologia de gênero é diferente de gênero. Consideramos que, o enunciado da última estudante se mostra confusa ao que diz ser gênero e a ideologia de gênero. Embora apareça na fala das estudantes, o conceito de ideologia de gênero não é um conceito da pauta dos estudos

de gênero e dos feminismos. Ao contrário é um conceito criado pelos grupos de direita para invalidar esses estudos.

Ao mencionar a pergunta sobre desigualdade de gênero, as estudantes citam um elemento que também foi conquistado pelo movimento feminista: oportunidades de trabalho e profissões com remuneração assalariada, que é apresentado na teoria através da inserção das mulheres no mundo do trabalho, após revolução industrial. Associar o salário à desigualdade de gênero é um elemento discursivo que marca reivindicações feministas no sistema capitalista, que era exclusivamente comandado pela supremacia masculina.

Pensando nesse processo de desigualdade entre homens e mulheres, retomemos na história social para compreender o motivo da desigualdade salarial no momento do ápice da introdução do sistema capitalista. Primeiramente, lembrar que entre o séc. XVIII e XIX já havia debates envolvendo as desigualdades de gênero relacionado à questão de produção no mercado. Os pensadores clássicos costumavam se preocupar em discutir temas voltados

Para a criação de riqueza, por meio do trabalho assalariado e da distribuição de renda entre as classes sociais, e para os aspectos relacionados ao trabalho que envolve a questão da produtividade, eficiência, salário, divisão do trabalho etc., sempre se referindo ao trabalho como emprego e ignorando a produção realizada no âmbito doméstico. (TEIXEIRA, 2008, p.32)

A partir dessa perspectiva, podemos notar que nesse período já havia tendências culturais que valorizavam a produção da esfera pública e inferiorizavam as produções da esfera privada (doméstica). Dessa forma, percebe-se que ignoravam a divisão do trabalho por sexo, anulando o trabalho familiar doméstico da articulação de reprodução capitalista. (TEIXEIRA, 2008, p.32) Portanto, os economicistas clássicos consideravam importante que as atividades domésticas e a educação dos filhos fossem destinadas as mulheres,

Uma vez que essa influência era indispensável para que eles (homens) se transformassem em trabalhadores produtivos e contribuíssem para a criação de riqueza. (...) a obrigação primeira das mulheres era a de ser mãe e esposa, o que se tornaria incompatível com um emprego fora de casa” (...) “Na análise do trabalho assalariado produzido pelos economistas clássicos, não existia nenhuma discussão em torno das raízes da segregação por sexo e tampouco se questionava o porquê de os salários das mulheres serem mais baixos. Para eles, o emprego feminino era considerado circunstancial e complementar. (...) Nesse período, prevalecia o entendimento de que o salário das mulheres solteiras deveria ser igual ao que custa o sustento delas, mas não precisaria ser superior. O mínimo para um homem é sempre acima disso, porque para os homens o salário deve ser suficiente para sustentar a si mesmo, uma mulher e um número adequado de filhos. (TEIXEIRA, 2008, p.32/33)

Os¹² economicistas, pensadores do sexo/gênero masculino, acreditavam que seria prejudicial que as mulheres trabalhassem em troca de remuneração, consideravam que mulheres deveriam contribuir com atividades do lar ou de caridade. A idéia de submissão da mulher foi implantada na estrutura patriarcal capitalista a partir destas considerações. Homens presentes na esfera pública para produção eficiente e mulheres responsáveis nas atividades da esfera privada e/ou em trabalhos sem retorno lucrativo. De modo geral, “os homens não se opõem a que as mulheres trabalhem, sim a que ganhem salários” (OLIVEIRA apud CARRASCO, 2008, p. 33). “(...) quando a eficiência é igual e o salário desigual, a única explicação é o “costume”, fundado em preconceito na estrutura da sociedade que faz da mulher um apêndice do homem.” (Idem, p.33). Sendo o “costume” uma dos elementos culturais que está subordinado ao poder econômico estrutural é algo que pode ser discutido e modificado pelas pensadoras das correntes feministas. Assim fizeram e resultado disso foram alegações com a seguinte idéia “Os salários mais baixos eram entendidos como resultado das suas necessidades de subsistência que eram menores, uma vez que não tinham obrigações familiares. Trata-se de uma construção ideológica, já que não havia bases materiais que comprovassem isso.” (Idem, p.38)

No entanto, o conceito de família mudou muito neste último século. Hoje, não é mais possível se falar de um padrão de família, constituído de pai, mãe e filhos. Novos arranjos familiares se formaram. O elevado número de mulheres chefes de família é uma realidade no mundo inteiro, especialmente nos países mais pobres. No Brasil, as mulheres representam hoje 1/3 dos chefes de família. (TEIXEIRA, 2008, p.38)

Como o ponto chave da pesquisa é investigar através do discurso como as estudantes apreendem o conceito de feminismo, considerando as apreensões no modo subjetivo e sedimentando pelas vivências, decidimos perguntar se as entrevistadas se consideram feministas.

3.2 Feminismo: Vocês se consideram feministas?

D4: Eu não! (...) Não sou ativista! Mas eu acredito que a mulher tem que ser sim tratada de uma forma especial pelos homens, até porque **o desrespeito que a gente sofre no dia a dia**, passando ali na rua, **o cara olha pra você parece que vai te comer (...) com os olhos**. Isso pra mim é um desrespeito, me dá muita vontade de

¹²Ressaltamos que o artigo definido “os” corresponde ao masculino no plural. Constata-se que a maioria dos pensadores clássicos eram homens, o que, socialmente, agregou supremacia ao sexo/gênero masculino.

chegar e “tá olhando o que?” (...) Porque tipo eu já falei, já fui bem desaforada. (...) Um desrespeito fora do comum. Mas **eu não me considero feminista**.

Ao ser retomada a pergunta para D4: Poderia falar o porquê não se considera feminista?

D4 responde: Não, porque assim é **porque não me considero ser ativista**. Mas, eu acho que **eu não sou a favor (...) de chegar “ah vou tirar e...”**. Ah, eu postei até um negócio no Instagram esses dias que **igualdade é diferente de equidade**. **A gente tá na luta por equidade e não de igualdade**. **Eu não quero ser igual a homem nenhum**, eu quero que os mesmos direitos e oportunidade que ele tenha, eu também posso ter.

D5: (...) Às vezes, certas pessoas que se dizem feministas nem fazem por valer aquilo que elas pregam. Eu acho que se você prega o feminismo, meio que **não tem necessidade de ir lá e mostrar os peitos (...) “ah, mas não vou mais raspar minha axila”**. **D5 continua:** É como nas pequenas coisas que aconteceram lá em casa, **com quatro mulheres e um homem**, quando acabou o gás. Todo mundo foi pedir para meu primo. Ele não sabia trocar o gás. Eu tive que ir lá e fazer isso. Ele pensou assim “ah, grande coisa, se eu tivesse trocado o gás, eu era o herói.” (...).

D2: Eu acho que **o feminismo tem várias camadas**. (...) Logo como eu comecei a ter contato com esse assunto, que **antes não sabia nem o que era**, eu achava que muitas coisas que aconteciam por conta do feminismo, (...) coisas absurdas e a minha visão foi mudando muito com o tempo e com o estudo também. (...) Existem coisas que eu ainda acho que não fazem sentido pra mim, mas eu aprendi muito mais **a respeitar quem tem certas posições que, as vezes, pra mim não faz sentido, mas pra outra faz**. Então assim, o feminismo eu acho algo muito importante, porque mesmo que eu não seja ativista, (...) **eu me considero feminista**. (...) Antes de ter contato com o feminismo, eram várias coisas que eu achava. **Tinha o machismo na minha vida, como tem até hoje**. É, e eu achava a coisa mais normal do mundo. Minha mãe sempre falava assim “Ah **D2**, vai arrumar seu quarto”, o do meu irmão todo bagunçado, muitas vezes muito pior do que o meu. “Porque que você não manda **D**¹³ arrumar o dele também?”. “Ah mas **D** é homem. **Homem é assim mesmo. Homem deixam as coisas bagunçadas**”. E eu achava isso super normal, entendeu?!

¹³ Sigla pseudônima do irmão da entrevistada.

Porque **eu fui criada dessa forma** e depois que eu passei a ter conhecimento, aprender que não é assim, que **não é só porque é homem que vai ser bagunceiro**. Às vezes isso acaba estressando, que **você consegue ver o machismo presente em todas as situações**. Você enxergar coisas que outras pessoas acham normal, mas você vê quão absurdo é. E aí eu me lembro que, uma vez eu vi uma notícia de uma menina que tava numa festa, num churrasco, e ela tinha passado mal, não estava se sentindo bem, ela foi pro quarto deitou e dormiu. Enquanto ela tava dormindo, ela foi abusada pelo cunhado dela. E aí, o esposo, o namorado na verdade, chegou no quarto na hora que o cunhado tava abusando dela e ele achou que ela tava traindo ele e, por causa disso, ele foi e esfaqueou ela e colocou fogo, alguma coisa assim. No final, a menina morreu. A **notícia** que saiu foi assim: **Menina é flagrada na cama com outro e morre por causa disso**. Uma coisa assim. **Como se ela fosse toda errada da história**. A menina tava passando mal, foi abusada, depois foi queimada, morreu e ainda saiu como a errada da história?! Então a partir desse dia, eu falei: não tem como mais eu não me identificar como feminista, porque não faz sentido pra minha vida não concordar com isso.

D3: Eu convivi muito tempo em casa com meu pai e até hoje, tipo assim, tento não bater mais de frente (...) Sempre quando eu e minha irmã batia de frente, rolava alguma briga, alguma coisa. Mas, mais em questão, em relação a minha mãe, entendeu? Eu e minha irmã depois que a gente veio pra Conquista, (...) que eu passei a conhecer as pessoas, que eu passei a conviver com gente estranha, gente diferente, eu **aprendi a me defender mais cedo**. E quando eu voltava pra casa, depois de conviver anos com pai falando coisas que, às vezes a gente releva por não conhecer (...) Depois **vê que é realmente o machismo**, a gente acha um absurdo. Já bati diversas vezes de frente com ele. Hoje em dia quando ele fala, eu tento, eu só saio, entra por um ouvido e sai pelo outro, eu saio. **Quando é em relação a minha mãe, eu defendo**, eu bato boca com ele mesmo, porque tipo assim: por exemplo, minha mãe viajava quase todo mês para Montes Claros com minha avó (...) e **minha mãe fazia unha antes de viajar, fazia cabelo**. Ele: **“pra quê que cê tá arrumando? Tá arrumando pra quem? Por que você tá fazendo isso?”**(...); Eu e minha irmã **usar uma roupa mais curta**: **“Não, isso é roupa de piriguete.”** (...). A gente se depara, realmente com pessoas que falam **“ah, isso é roupa de puta, de piriguete, isso não é coisa de mulher, isso não é coisa que mulher não faz.”** (...) Hoje em dia com meu namorado,

no momento que começa surgir uma sementinha de alguma coisa, eu já corto. Falo: assim não! Né assim não. Eu já sento e falo “Você tem que me entender por causa disso, disso e disso.” (...) Por minha mãe tolerou 20 e tantos anos, ela nunca falou nada, ela fala assim: **ah não, mas seu pai é, ele é cabeça dura**, seu pai é, (...) **foi criado assim, ele tem o gênio forte**, se eu bater de frente não vai adiantar de nada.” Mas adianta, se você desde o início conversar: olha, não é assim que as coisas funciona, não é assim pra mim! A pessoa vai entender no decorrer do tempo. **Aí se você for aceitando, chega num ponto desse que você não consegue mais se defender.** (...) Então, eu acho que em **relação a opressão do sexo masculino em relação ao sexo feminino**, a gente tem que estudar desde cedo pra gente saber como cortar aquilo, a gente não aceitar pra depois a gente saber se defender.

D1: Pra mim o feminismo e **ser feminista** representam muito isso que **D3** falou, que **não é só você sair pro protesto**. Sair pro protesto também é importante, porque você conquista muita coisa, fazendo um protesto, fazendo uma manifestação, uma rede maior. Só que você se impor também em determinadas situações é muito importante, em vários campos. Por exemplo, eu quero fazer engenharia mecânica e eu faço estágio aqui no laboratório com umas nove (9) pessoas (...). E, às vezes, quando eu falo alguma coisa, os meninos não aceitam. Eles falam: não, isso? Por que isso? Isso não é assim não. Aí teve um dia mesmo que a gente tava limpando uma máquina, arrumando, (E)¹⁴ falou: a gente só vai limpar. Aí eu falei: não, aí tem que tirar tal parte e tal parte. Que eram os caçotes, as partes bem grandes e bem pesadas da máquina. “Ah então, borá tirar logo isso aqui, não sei o que, porque aí.” (...) Aí ele foi tentando e não conseguiu tirar. Ele falou: Ah, isso aqui não sai do lugar não. Eu falei: Moço, isso aí é móvel, sai do lugar. E ele não aceitou de jeito nenhum que saia do lugar. Aí eu falei: Quer saber de uma ?! Licença aí que eu vou tirar. Eu fui lá, tirei e falei pra ele: aí, cê viu que tirou e saiu do lugar? Eu acho que é muito disso: de **você se impor também**. Mostrar que você sabe as coisas e **não é porque ele é homem e eu sou mulher que ele sabe mais do que eu, que a gente também tem nosso lugar de voz**. A gente conquistou muitas coisas, por conta de muitas mulheres que vieram antes e que nós vamos conquistar muitas coisas para as mulheres que vão vir depois da gente. Eu acho que é muito disso, de conquistas pequenas do dia a dia que fazem diferença para o futuro.

¹⁴ Sigla pseudônima do colega que a entrevistada mencionou durante a entrevista.

Ao identificar elementos discursivos pertencentes a questões feministas, percebe-se que algumas estudantes ainda não se assumem feministas. A justificativa sempre está baseada na menção ao feminismo radical, como por exemplo, quando D5 e D4 falam: (...) **não tem necessidade de ir lá e mostrar os peitos** (...) “ah, mas **não vou mais raspar minha axila**” e “**é porque não me considero ser ativista.**”, respectivamente. Através desses enunciados demonstram certa aversão à ideologia feminista radical e as mobilizações feministas, que não deixam de ser representações femininas na esfera pública em prol da liberdade corporal e sexual de todas as mulheres. O fato de ser radical não significa ser extremista ou intolerante, mas uma forma de verbalizar sobre a liberdade, emancipação e para denunciar as opressões referentes à cultura patriarcal, principalmente, para empoderar o próprio corpo. Exemplos de discursos que apresentam construções de representação, dessa vez sobre o feminismo, pelo processo de objetivação e ancoragem do saber prático. Essas construções discursivas e de representação do feminismo apresentam retalhos do conceito do feminismo radical enunciados pela mídia e formulados com os saberes práticos das jovens.

Embora **D4** e **D5** não se considerem feministas, denunciam comportamentos machistas em que se destacam elementos discursivos do sexismo quando assumem a falta de respeito do assédio e ao duvidarem sobre a capacidade de trocar “o gás de casa”. Outra consideração enunciativa é quando **D4** apresenta que existe a diferença entre igualdade e equidade, buscando justificar a partir do fato de não querer ficar com os peitos de fora e as axilas com pêlos, pois não quer ser igual a homem nenhum, mas que exige respeito e os mesmos direitos de oportunidade que estes. Por esse caminho é que o feminismo da segunda onda declarou em alguma de suas pautas: igualdade pela diferença, ou seja, equidade de gênero. Propondo formas de emancipação feminina em relação ao patriarcado, o feminismo da segunda onda buscou ampliar pautas dando continuidade a pautas da primeira onda: direitos morais, políticos, econômicos, jurídicos, sexuais e simbólicos.

Ao passo que as filiações feministas de **D4** e **D5** migram para o feminismo da segunda onda, **D2** apresenta um discurso com elementos da quarta onda. Primeiro, considera que o feminismo possui várias camadas. Entende-se através da sua fala que as camadas referem-se a níveis de conhecimento a cerca do tema. Dessa forma, inicia o discurso afirmando que o feminismo fez sentido após conhecer de perto as pautas do movimento: através da leitura. O segundo elemento importante se constitui quando se assume que, embora pautas favoreçam realidades diferentes, a pauta que não condiz com sua realidade pode fazer sentido na vida de outra mulher. O respeito às subjetividades, condições e experiências entre as mulheres são atos

de empatia e sororidade. Estes atos constituem outro passo de conscientização das ações de empoderamento a partir da quarta onda do feminismo. Termos como resiliência, sororidade, empoderamento e interseccionalidade estão presentes como propostas pós-modernas de conscientizar-se e conscientizar outras mulheres no processo de agrupamentos de intelectualidade do pensamento feminista. Atos de humanização em prol da coletividade e individualidade das mulheres. Neste processo de apreensão intelectual, **D2** apresenta elementos discursivos presente no seu cotidiano, em que o machismo ainda opera, principalmente, no seio familiar. Ao citar comparações estabelecidas entre o gênero masculino e o feminino, exemplificando seu irmão, **D2** demonstra em seu discurso a capacidade de identificar o machismo e o sexismo presentes em situações de distribuições das tarefas domésticas. As exigências de organização doméstica e comportamentos femininos ainda estão presentes na educação familiar, o que demonstra a permanência de resquícios machistas da estrutura patriarcal ao redor do discurso empoderado da entrevistada. Ao demonstrar que ainda permanece as condutas machistas, propõem eliminá-los diariamente.

Quando posta de frente a enunciados jornalísticos que enfatizam a violência contra a mulher, a entrevistada **D2** denuncia o machismo presente nas distorções das informações pela mídia, que propiciam o telespectador a interpretá-la conforme seus interesses, neste caso:pondo a culpa na mulher. Esse tipo de tendência midiática serve como produtora e reprodutora do discurso patriarcal, o que continua mantendo reproduções machistas, sexista, homofóbicas e racistas na sociedade.

Em relação ao discurso de **D3**, elementos como “aprendi a me defender mais cedo” denota a ideia da emancipação feminina: filiação discursiva da representação feminista. Elementos como “bater de frente” e “defender” constituem a formação enunciativa dos discursos feministas para enaltecer a voz e o lugar de fala das mulheres nos contextos em que o discurso patriarcal ainda predomina.**D1**, por sua vez, concorda com as abordagens sobre o feminismo pelo qual **D3**alega, ressaltando que ser ativista e participar das mobilizações não resolvem os problemas cotidianos do machismo e sexismo. Alerta que “se impor” diariamente como uma mulher também ajuda a combater ações antifeministas.

A repreensão contra o sexismo e o machismo acompanha a era das adaptações de narrativas amplificadas da pós-modernidade. A exibição das subjetividades e experiências pessoais da esfera privada são reflexos das progressões tecnológicas advindas das superproduções de redes sociais. Somando essa superprodução com as grandes divulgações

das mobilizações feministas e noticiários sobre violências contra a mulher (exposição sem censura de relatos pessoais que comprovam a existência do feminicídio, por exemplo) refletem na criticidade sobre as vivências pessoais das entrevistadas. Dessa forma, nota-se que os relatos possuem elementos discursivos referentes à convivência entre os pais, parentes e exemplos de representações da mulher em relatos de famosos e conhecidos nas redes sociais.

Seguindo com a proposta de analisar os discursos feministas das jovens estudantes considerando as particularidades discursivas referentes às experiências pessoais e a negação ao ativismo feminista por algumas estudantes, continuamos a entrevista com a seguinte pergunta: **O que entendem sobre...**

3.2.1 Movimento social feminista: apropriação discursiva

D1: É como falei antes da religião, tem uma **parte que é muito extrema do feminismo** e que às vezes essa parte extrema, acaba **criando um estereótipo para todo o resto**. Porque, exatamente (**D4**) tem essa visão, só do feminismo no extremo, aquele negócio sai na rua sem roupa, de não se depilar e tal. E não é isso! **Eu acredito que o feminismo não seja isso**. Pra mim, **o feminismo é nada mais que a busca por uma igualdade** de: que homens e mulheres ganhem o mesmo salário, nas vivências do dia a dia e tanto quanto **respeito de uma mulher pra outra**. E aí eu acho que o feminismo acaba ajudando muito nisso da gente **respeitar as pessoas**. Não só as mulheres, mas tipo as pessoas em geral, entendeu? Alguém tomou a decisão, você respeita decisão daquela pessoa, entendeu? **Independente do que aquilo vai representar pra ela ou pra você**. Eu acho que é mais o respeito que você vai ter da sua parte para outras pessoas. Por exemplo, tem a parte da mulheres feministas que ela não se depila e tipo assim, antigamente, eu achava isso muito feio, muito horrível. Eu ficava assim “Meu Deus o que é isso?”. Aí hoje em dia eu fico “Como eu pensava aquilo? **É o corpo dela, é a decisão dela**, não tenho que está interferindo, não é o meu, eu tenho que cuidar do meu e não ficar tomando conta dos outros.”

D3: Às vezes, **a gente mesmo é machista e não percebe**. A questão **não é para todas as mulheres seguirem, é pra mulheres que não querem seguir aquilo**. **O feminismo é mais pra isso**. É uma mulher que não quer seguir aquilo, ela não

precisa seguir aquilo, mas para as que querem, as que gostam. É uma questão de que **a mulher ela pode escolher o que quer fazer**, entendeu? **Ela pode, ela tem a sua opção de escolha. Não ser oprimida.** (...) Se ela gosta de fazer o jantar, ela pode fazer, mas se ela não gosta, não faz. Entendeu? É mais uma questão de ter a sua opção de escolha. E quanto à questão do movimento feminista, é como a gente tinha falado na religião: **você pregar aquilo que você acredita e o que você faz.** Porque às vezes a gente tá ali “ah, posta uma coisa, tá ali no movimento”, mas às vezes **você mesmo acaba oprimindo outras mulheres.** (...) Pra você não sair de hipócrita depois.

D2: Essa questão, por exemplo, de **não se depilar**, eu também era igual (**D1**), achava um absurdo, **achava uma nojeira**, “não se depila? Meu Deus, como é que pode?” E aí, depois eu fui entendendo que, nesse caso específico da depilação, por exemplo, tá ligada aos costumes que foram sendo implementados na sociedade desde sempre porque um **homem que não se depila é a coisa mais normal do mundo, mas a mulher é uma nojeira.** Eu fui parar pra pensar nisso “**porque que acha nojento em um e não acha nojento no outro?**”. E eu percebi que assim, eu não aplico isso na minha vida, mas se a pessoa ela quer aplicar, ela que decide o que ela quer fazer e não acho que ela tá errada por causa disso. Então, às vezes, por terem o primeiro contato com esse tipo de ação extremista, tem pessoas que impõe. De certa forma também, isso pode acabar prejudicando quem não entende, não entendeu o conceito básico e pode acabar trazendo **uma visão errada sobre o que realmente é o feminismo.** Mas, eu acredito muito que esse é o caminho certo pra humanidade. Esses dias vi no Twitter: um print de uma foto do instagram que a mulher tinha colocado a legenda falando que tinha preparado o jantar para o marido e colocou tipo assim: **desculpa feministas, mas eu gosto sim de cuidar da minha família, do meu marido e preparar jantar pra eles. É essa visão errada que as pessoas têm.** Porque tem gente que acha que o feminismo diz que isso é errado: cuidar do marido, da família e tal. Mas não é isso. Eu lembro que a menina que fez o Twitter com o print dessa foto, ela falou que não era com isso que o feminismo estava preocupado. Aí ela fala de uma notícia que **a moça tinha sido espancada porque ela não tinha feito o jantar.** Então essa é diferença. **Não é que errado você fazer o jantar para o seu marido, errado é que você apanhar por não ter feito isso.** Se você gosta de fazer o jantar e cuidar da sua família e tratar todo mundo assim, ótimo! Que faça! Porque isso faz sentido pra você. Mas, se a outra pessoa, outra mulher não quer fazer isso, **ela tem todo o direito.**

É um absurdo, como é um absurdo ela ser espancada porque ela não fez a comida em casa. Então essa visão errada que as pessoas têm. Só que eu acho que isso devia ser desconstruído aos poucos com muito estudo pra conseguir chegar ao caminho certo. Eu acho muito engraçado porque o feminismo e o machismo se colocam em várias situações porque a minha mãe **eramuito machista nessa questão de afazeres domésticos**. Mas, eu me lembro que quando meu padrasto falava assim “Ah não, porque Fernanda tem que voltar pra casa mais cedo, quando Daniel tiver a idade dela, ele pode chegar a hora que ele quiser.” Minha mãe nunca aceitou esse tipo de coisa, ela falou: eles vão chegar no horário que terminar, a hora que eles vão chegar será na idade deles e a confiança que tem neles, independente se é ele ou ela. Porque ela nunca concordou com esse fato de que a mulher tem que chegar em casa mais cedo e a mulher não pode ir pra casa do namorado. Então, e hoje ela já melhorou bastante nessa questão dos afazeres domésticos. É uma coisa que tem mesmo que ir desconstruindo aos poucos, porque não tem outro caminho. É muito do que **(D3)** falou né? Que ela falou que temos que começar a desconstruir essas coisas desde cedo, desde o começo das relações porque igual ela falou da mãe dela diz que o pai dela tem um gênio forte, que é cabeça dura e que não vai adiantar nada falar, porque foi a vida toda assim. A minha mãe sempre fala esse negócio de que homem é bagunceiro porque a minha avó também fala e a minha bisavó falou pra minha avó e foi **todo mundo criado desse jeito**. Então, **o machismo tá inserido na vida da gente por causa de anos e anos e anos de costume, de tradições que era pra ser assim**, que todo mundo diz que tinha que ser dessa forma e aí continuou desse jeito **porque ninguém questionava** e agora que estão sendo questionadas. Muitas pessoas se incomodam muito com essas coisas que estão acontecendo.

D5: É como educar uma criança né? Não adianta você colocar a criança assim em pé e falar “bora, anda!”, não é assim. É ir lá dá a mãozinha, ensinar como é que anda normal, **vai cair, mas você levanta de novo**.

D4: E talvez essa moça tenha feito tudo na casa, o dia todinho, aí porque ela não fez o jantar ela sofreu, simplesmente porque não fez cem por cento (100%), ela só atingiu noventa e nove. **Por que ele não fez? Ele não tem mão? Ah, mas porque todo mundo foi ensinado o que? Que a mulher que aprendeu a fazer comida porque quando o marido chegar do trabalho tem que ter uma janta pronta e na mesa**. Sexta feira que postei? A foto do bolo... Porque minha sogra fez aniversário, aí

eu tava conversando com ela e ela falou bem assim “ai, eu tenho várias roupas pra lavar.”, aí eu falei “Você vai lavar roupa uma hora dessa? (era 19h), ela “sim, porque (G) (que é o marido dela, o pai do meu namorado), que ele acha ruim se eu não fizer.” Eu falei: Mas você tá cansada! Ela: Não, porque não quero ouvir, ele ficar no meu ouvido, perturbando. Ela trabalha o dia todinho, porque ela trabalha na casa de um médico e ela limpa, faz várias coisas e ainda tem que chegar em casa pra fazer comida pro outro dia e o marido dela se sente incomodado por que ela não vai lavar roupa?! Fora que ela tem que passar, porque ele acha ruim se ele pegar a roupa e tiver amassada. “A senhora me perdoa, mas a senhora ta super errada em fazer isso.” Aí ela “É, eu prefiro do que ficar escutando.”

Ainda que as discussões referentes ao feminismo quanto a movimento social reflitam nos discursos das estudantes como ações radicais e ofensivas ao público feminino que não desejam se apropriar dos atos de mobilizações do feminismo radical, insistimos na pergunta sobre movimento social feminista com o objetivo de resgatar elementos discursivos para investigação. Sendo assim, nota-se que os elementos discursivos perpetuam no feminismo da segunda onda, dessa vez na fala de **D1**, quando analisa o movimento (mobilização) feminista como um ato que pode interferir no julgamento sobre o feminismo pela visão das mulheres. A entrevistada **D1** ainda alega que os atos podem criar um “estereótipo” sobre as demais ideias sobre o feminismo. Apostando na igualdade social entre homens e mulheres, **D1** propõe um feminismo que haja respeito entre as pessoas, não só para as mulheres. Outro elemento importante mencionada por esta entrevistada é a noção de respeitar as individualidades, principalmente sobre as decisões sobre o corpo, presente no feminismo da quarta onda. Igualdade, individualidade e respeito são elementos discursivos propostos desde a formação das pautas da segunda onda do feminismo até dias atuais.

Ao reforçar o respeito entre as mulheres iniciado pelo discurso de **D1**, **D3** utiliza dos elementos discursivos “não ser oprimida e ter opção de escolha” para verbalizar sua filiação a representação do feminismo quanto pensamento clássico filosófico. O sistema patriarcal silenciou as mulheres e impediram-nas de terem opção de escolha, até que as mulheres perceberam e se engajaram nas mobilizações feministas na primeira onda, o que tenha sido necessário para as transformações sociais. Reconhecer que foi através das primeiras mobilizações feministas que sustentaram os pilares da justiça social a favor das mulheres é importante para compreender o porquê dos atos entendidos como extremistas. A percepção sobre o movimento social feminista por **D2** é de justificar o porquê os atos do feminismo

radical, como por exemplo, depilar axilas, seja tão repreendido pela sociedade e o porquê que ela defende esses atos. Esta entrevistada entende que a repreensão em não depilar as axilas pesa sobre a mulher e não sobre o homem justamente porque foi implantada na sociedade a idéia do que se pode e do que não se pode para homens e mulheres. Dessa forma, a coerção sobre a escolha feminina é injusta tendo em vista que não se justifica dar essa escolha, que é normativa, apenas para o masculino. **D2** acredita que atos extremistas como o feminismo radical podem levar as pessoas a terem uma visão errada sobre a ideia básica do feminismo.

Ao exemplificar comentários nas redes sociais, instrumento de poder e influenciador do discurso, **D2** menciona elementos discursivos que apresentam distorções entre o conceito de feminismo e como é conduzido na prática discursiva das mulheres. Associar que feministas não fazem o jantar para marido e filhos e não cuidam do lar é um dos exemplos pelo qual **D2** questiona ao notar distorções entre a apreensão da teoria feminista e como se dá a prática discursiva. Por um lado, a entrevistada percebe que há extremismo ao interpretar o feminismo como uma exigência prática ou uma “seita religiosa” sobre ações patriarcais que buscam exterminar socialmente. De outro ponto de vista, no exemplo 2, a estudante cita uma situação em que as obrigações domésticas são exigidas e quando não cumpridas às mulheres são violentadas. Percebe-se aí dois exemplos em que o feminismo possui interpretações extremistas: a primeira por uma mulher que não abdica dos afazeres domésticos para levantar bandeira ao feminismo; e a segunda pelo homem (marido) que não aceita ficar sem o jantar da mulher e a espanca. Diante esse fato, defendemos que o feminismo é uma corrente de pensamento filosófico que busca por justiça social, equidade e humanidade. Por esse motivo, qualquer tipo de obrigação, principalmente advindas do sistema patriarcal, deve ser abolida das relações humanas. Uma vez que tratamentos machistas, sexistas e/ou racistas desalinham as lutas diárias do feminismo. Distorções interpretativas como nesses exemplos estão propícias a ocorrer e abalam as tentativas pelo respeito ao ideário de transformação social. **D2** conclui relatando que as atitudes machistas só perpetuam se não reprendermos e acredita que muitas transformações aconteceram por conta das mobilizações feministas, por terem estas impulsionado a geração recente em impor limites nas ações machistas. A reprodução das culturas familiares e a passividade regeneram as tentativas de transformações, por tanto **D2** propõe imposições feministas ao serem ameaçadas pelas ações machistas. **D5** concorda com o discurso de **D2** e reforça, através de uma metáfora, a necessidade em insistirmos e lutarmos todos os dias em prol das lutas feministas. **D4**, mesmo confirmando que não é feminista, apresenta visões claras do que é ser uma feminista na sociedade. Ao reforçar o exemplo dado

por **D2** sobre as mulheres fazerem ou não o jantar, ela relata uma experiência familiar em que o discurso da sogra perpetua com elementos discursivos do patriarcado mantendo a obrigação domiciliar com o marido. As exigências e cobranças do papel feminino sobrecarregam as mulheres fisicamente e, mentalmente, recebem conexões da estrutura patriarcal para que reproduzam os papéis que lhe foram delegados.

De modo geral, nota-se que as jovens entrevistadas têm dificuldades em integrar-se nos movimentos feministas, uma vez que a primeira impressão que tiveram do feminismo surge das primeiras tentativas de revoluções radicais do feminismo. Esta discussão está marcada no livro coletânea da Bell Hooks (2019), *Teoria feminista: da margem ao centro*, no capítulo “A importância do movimento feminista”, quando inicia argumentando o porquê das lutas feministas causarem tantos impactos sociais, sendo reconhecidas nos Estados Unidos por “guerra dos sexos”. Marcado pela iniciativa de combater as injustiças sexistas, os primeiros engajamentos do feminismo estavam concentrados exclusivamente com a hegemonia dominante do masculino. O interesse em combater as opressões sexistas começou pelas militantes feministas brancas, buscavam privilegiar as mulheres em detrimento dos homens.

A indignação, a hostilidade e a fúria delas eram tão intensas que não conseguiram evitar a transformação do movimento num fórum público para os seus ataques. (...) Fundamentalmente, defendiam que todos os homens são inimigos de todas as mulheres e propunham como solução para este problema uma nação feminina utópica, comunidades separatistas, e até mesmo a submissão e o extermínio de todos os homens. A sua indignação pode ter sido um catalisador para a resistência e para a mudança libertadora individual. (HOOKS, 2019, p.27)

Ainda que a compreensão do movimento feminismo radical, pelo saber de bell hooks, esteja marcada pela iniciativa das militantes brancas é válido considerar positivamente essa revolução inicial como ponto chave para a resistência do feminismo, sendo precursora para o engajamento das demais mulheres. Embora essa representação do feminismo liberal não venha contemplar todas as camadas sociais, serviram de pilar histórico e entusiasmo para empoderar outras mulheres. Dessa forma, justificamos que essa marca do feminismo liberal, pela qual a autora cita, condiz com os elementos discursivos encontrados nos discursos das jovens entrevistadas, causando a primeira impressão do movimento social feminista.

Além de analisar elementos discursivos presentes no conceito de movimento social feminista, o conceito de empoderamento é relevante, uma vez que este conceito é recente e faz parte do vocabulário discursivo das estudantes. O uso do termo “impor” faz parte do agrupamento conceitual da palavra empoderamento. Sendo assim, buscamos compreender

como é apreendido esse conceito através do discurso das entrevistadas. Lançamos a pergunta: o que entendem sobre...

3.3 Empoderamento

D2: Empoderamento é (...) justamente essa relação com o feminismo, porque em empoderamento, eu entendo assim: **é a mulher se fazer presente** nos contextos que elas antes não conseguiam. **Ocupar espaços! Se impor**, igual esse negócio de sair pra beber e se divertir, sair sozinha, esse tipo de coisa. Eu acho que ta muito relacionada com empoderamento. Empoderamento também tem muito a ver com **amor próprio**, por causa das pressões que a sociedade impõe e muitas vezes a gente não se aceita e acha que sempre temos que ta mudando pra seguir um padrão e conseguir chegar numa determinado padrão ideal. Muitas vezes, voltado para questão estética do corpo e do rosto. E, empoderamento pra mim ta muito relacionado com isso: se você se **aceitar do jeito que você é** e se você quiser mudar alguma coisa, você tem que **fazer isso por você** e não porque os outros, outras pessoas dizem que você devia fazer isso.

D3: Se impor, se defender, saber que você, mulher, **ter o lugar**. Você não tem um lugar, você tem **o lugar que você quiser**. Então você vai **defender** aquilo e você vai se **impor**. Não estou aqui porque eu quero, é porque eu tenho o **direito** de tá aqui. Acho que é mais essa questão de **mostrar a cara**.

D1: Eu acho que é muito de você **tomar as próprias rédeas da sua vida**, entendeu? Você tá no **controle** da situação, você ta no **controle da sua vida**, de você se **propor o desafio**: “eu vou fazer aquilo, porque é o que eu quero e eu vou atrás e eu fazer de tudo pra conquistar aquilo”, mesmo se as pessoas vão ta dizendo que não, que aquilo não é o lugar pra mulher, que não é o ideal que uma mulher deveria ta fazendo. Não, a pessoa ta ali bota a cara a tapa, como **D3** falou, e **correr atrás do que é seu**.

Nota-se que no discurso feminista de **D2** há elementos discursivos compatíveis ao processo de empoderamento feminista. Custa-nos perceber que elementos como: impor, ocupar espaços, se fazer presente, amor próprio e aceitar-se do jeito que é, correspondem ao

conceito de empoderamento e o lugar de fala, que discutimos na base teórica. De modo geral, o processo de empoderamento é um estado de pertencer a si mesma, uma vez que toda construção colonial até a pós-colonial, referente à cultura patriarcal e o lugar da mulher, passam pelo processo de desconstrução desta cultura a partir da Era Moderna. Este processo de desconstrução, ainda que opcional senão incorporado pela necessidade de adaptação, são resultados de longos processos de engajamento político do movimento feminista e é notório no discurso de **D2**. Complementar ao discurso de **D2**, os elementos discursivos de **D3 e D1** partilham da mesma idéia de empoderamento e preenchem uma camada importante para o processo de empoderamento: direito de estar no mundo e respeito à personalidade da mulher. Considerar que todas as mulheres, antes de serem mulheres, sejam seres humanos já é o primeiro passo para se pertencer ao mundo enquanto indivíduo. As normas e regras sociais, além das classificações comportamentais de gênero, compõem o que impôs limites ao processo de personificações da mulher. Dessa forma, o discurso de D1 dita exatamente pautas filiadas ao discurso feminista da quarta onda, que constitui o processo atual de engajamento pessoal na esfera pública. Nota-se que os três discursos das três estudantes, que se propuseram a declarar esse conceito de empoderamento, são os mesmos que exploraram de si elementos chaves condizentes a teoria feminista. As demais participantes do grupo não quiseram se manifestar sobre o assunto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizar um trabalho dissertativo de mestrado conciliando com as intimidades e adversidades das contingências cotidianas, principalmente quando se trata da maternidade, é lidar com aceitações condicionadas para a mulher, em uma sociedade injusta, e buscar equilíbrio emocional para honrar com os compromissos firmados. Escrito por uma mulher, mãe de uma menina, estudou maior parte da trajetória escolar em escola pública, socialmente branca, de traços genotipicamente negros, apresenta esse texto a partir do lugar de fala de uma

mulher que insistiu emancipar-se socialmente através da leitura e dos estudos. Sabendo que a construção de um texto, geralmente, se dar por inacabado, pois brechas ficam expostas para serem preenchidas com críticas e sugestões, conclui-se aqui uma contribuição feminista a cerca dos discursos do feminismo de jovens estudantes.

Após obtenção dos dados e análises dos discursos feministas das jovens estudantes, identificamos filiações discursivas nas falas das estudantes, referente à repartição das ondas do feminismo, conforme propomos no objetivo da pesquisa. Ao analisarmos as rotinas descritas pelas entrevistadas notamos que, embora possuam outras atividades cotidianas, todas demonstram dar prioridade aos estudos. Residentes em bairros periféricos na cidade de Vitória da Conquista-Ba, outras em municípios vizinhos e zona rural da cidade, apresentam suas participações numa estrutura dinâmica do cotidiano de classe média. É válido enfatizar que, no decorrer da entrevista, a maioria das estudantes possui narrativas estruturadas quando se referem à família.

Nas discussões sobre gênero, percebe-se que possuem percepções razoáveis ao que é delimitado pela biologia: a ideia de gênero limitada ao sexo. Quanto às discussões sobre desigualdade de gênero, as estudantes apresentam elementos discursivos que englobam desigualdades salariais entre homens e mulheres com o mesmo cargo, além de incoerências sociais como: o espaço da mulher na esfera pública e a política “mais mulheres para x homens” em baladas e eventos estudantis. É notório que todas as entrevistadas combatem os tratamentos preconceituosos que inferiorizam o gênero feminino, principalmente quando presenciam situações que há práticas machistas e sexistas. A forma como exemplificam as desigualdades de gênero presentes em seu cotidiano estão sempre relacionadas à desqualificação e inferiorização do sexo/gênero feminino.

Ao serem perguntadas se consideram feministas, apenas uma das jovens responderam que não, mas se justifica por não ser ativista de movimento social feminista. Percebe-se que há preconceito ao interpretarem as mobilizações feministas como comportamentos extremistas, portanto não concordam com as formas de protestos que as ativistas do movimento feminista se manifestam. Por outro lado, evidenciamos através dos discursos que a maioria das estudantes se filia ao feminismo da segunda onda, destacados em elementos discursivos que reforçam uma autoafirmação da igualdade pela diferença: igualdade nas leis e nos costumes para ambos sexo/gênero. Percebem que há uma necessidade de equiparar os direitos entre homens e mulheres, portanto apresentam elementos como “**eu não quero ser igual a homem nenhum**” para justificar equidade e não “igualdade” de gênero. Além dessa

filiação, encontramos filiações da quarta onda do feminismo, ao apresentar os seguintes elementos: **o feminismo tem várias camadas; respeitar quem tem certas posições que, as vezes, pra mim não faz sentido, mas pra outra faz.** Embora não tenham mencionado algum conhecimento sobre a repartição das ondas e, principalmente, sobre a quarta onda, apresentam filiações provenientes a recentes discussões das facetas do feminismo, que compõe a quarta onda. Essa filiação fica mais evidente quando são perguntadas sobre o movimento feminista, todas as entrevistadas destacam elementos da quarta onda, quando propõe respeito à condição de cada mulher. Ainda que não concorde com as formas de mobilizações feministas, acreditam que todas as mulheres devem ter autonomia sobre seu próprio corpo e liberdade para se impor nos espaços que a sociedade antes entendia não ser para mulheres. A liberdade, a autonomia, a posição e as escolhas são elementos presentes nos discursos das jovens para elencar o que entendem sobre feminismo e empoderamento. Dessa forma conclui-se que as jovens estudantes do IFBA de Vitória da Conquista-Ba se filiam a segunda e a quarta onda do feminismo, por acreditarem na igualdade (equidade) pela diferença e conseqüentemente ao respeito à liberdade de todas as mulheres.

Ao partirmos da hipótese de que existem influências discursivas ofertadas pela mídia e redes sociais, conclui-se que nas experiências pessoais e familiares, explicitadas pelas entrevistadas, apresentam elementos discursivos do feminismo e suas respectivas filiações das ondas. Embora as influências discursivas estejam implícitas, as exemplificações pautadas pelas vivências enunciam retratações advindas da via midiática. Como por exemplo, observa-se que em vários momentos, as jovens exemplificam relatos expostos pelas redes sociais, geralmente com características de noticiários sobre violência contra a mulher. Ainda que as influências discursivas possam interferir em distorções conceituais, a apropriação discursiva desenvolvida pelas estudantes é destacada pelo combate ao machismo. Tanto que, conseguem identificar nos enunciados dos noticiários elementos discursivos com predisposições machistas, que demonstram serem a favor da supremacia masculina em detrimento da condição feminina.

Além destas considerações, enaltecer os ganhos do feminismo e as recentes contribuições das teorias feministas das mulheres negras, principalmente por conquistar direitos como: oportunidades de trabalho assalariados no pós revolução industrial, década de 70, e o uso do contraceptivo anticoncepcional para que haja controle na taxa de natalidade e facilite a inserção das mulheres no mundo do trabalho. Sobre estas informações, percebe-se que as entrevistadas têm conhecimento embasado para discursar a respeito. Outro elemento crucial notado nos discursos foi às exposições da vida privada envolvendo relações entre os

pais e familiares, em que destacam insistências de combate ao machismo e sexismo perpetuados por gerações parentais anteriores. E, são essas perpetuações que sobrecarregam o físico e o emocional feminino que busca romper com a manutenção injusta da cultura patriarcal na sociedade.

Nota-se que a discussão referente ao Empoderamento é manifestada apenas por três (03) entre as cinco (05) entrevistadas que foram destacadas por engajar escavações de elementos discursivos da teoria feminista. O ato do empoderar-se se deve aos ganhos do feminismo contra hegemônico que favorece a todas as mulheres. Portanto, buscamos mostrar no decorrer deste trabalho que as progressões do feminismo servem para moldurar (*frame*) construções identitárias das mulheres a partir das suas epistemologias. A ideia em discutir empoderamento e de construir novas teorias feministas se deve a necessidade de dar visibilidade a outras vivências e condições sociais do feminino, que não sejam apenas pautados no caráter hegemônico. Basear-se apenas em teorias feministas de vivências privilegiadas, favoráveis socialmente e protegidas das armadilhas opressoras de classe e de cor da pele significam abraçar causas levantadas pelo Norte global e perpetuar a legitimação da racionalidade hegemônica. O empoderamento feminino deriva-se também dos atos de livre escolha e de aceitação da sua própria realidade, embora as estudantes não se reconheçam como negras. Sobre essa consideração, notamos que nenhuma das entrevistadas manifestam conhecimento sobre a relação entre raça, classe e gênero. Duas entre as cinco entrevistadas possuem traços genotípicos de mulheres negras, mas não se declaram negras, nem destacam as colisões existentes por serem mulheres e por residirem em bairros periféricos da cidade que estudam. Dessa forma, evidenciamos que o conceito de interseccionalidade, presente nas contribuições teóricas recentes de mulheres negras intelectuais, não aparece nos discursos das jovens. A interseccionalidade surge para demonstrar essa necessidade em discutir as colisões estruturais provocadas por hegemonizar identidades em detrimento de outras, principalmente e especialmente, a identidade das mulheres negras, que não é reconhecida pelas estudantes. Portanto, revemos que a história do feminismo e as repartições das ondas agregam valores discursivos nos relatos das jovens estudantes. Ao apresentarem realidades familiares e pessoais, demonstramos neste trabalho a necessidade de refazer teorias feministas a partir das subjetividades, principalmente quando as epistemologias abarcam vivências adversas a cultura estrutural dominante. Importante ressaltar que entre as escolhas feitas por cada mulher (feminista ou não) não sobrepõem as anulações que outras mulheres optaram por vivenciar. A prática da empatia e sororidade são importantes para efetivar o feminismo, mulheres! Dessa

forma, a extensão do empoderamento das mulheres as transforma-as no decorrer das gerações. E, através do conhecimento, das leituras (literatura) e, a partir das experiências contadas, condicionam seus olhares e viabilizam teorias feministas contra hegemônicas em prol da justiça social.

Escutar as vozes das jovens é abrir as portas do conhecimento sobre realidades ocultas que, por sua vez, propõe alternativas para transformações sociais e ideológicas.

REFERÊNCIA:

- ALVES, Larissa Silva. **O feminismo sob a percepção das jovens estudantes do ensino médio em Escola Estadual de Vitória da Conquista - Bahia.** / Larissa Silva Alves, 2017.
- ALBERTI, Verena. **Tradição oral e história oral: proximidades e fronteiras.** História Oral, v.8, n.1, 2005.
- AMADO, J. (Org.). **Manual de investigação qualitativa em educação.** 2.ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014.
- ARRUDA, Angela. **Teoria das representações sociais e teorias de gênero.** Cadernos de Pesquisa, n.117, p. 127-147, novembro/2002.
- BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo: fatos e mitos.** Tradução de Sérgio Millet. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BERTH, Joice. **Empoderamento/** Joice Berth. – São Paulo: Sueli Carneiro ; Pólen, 2019. 184 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamilia Ribeiro)
- Boletim Científico – Escola Superior do Ministério Público da União** / Brasília: ESMPU, Ano I, nº 4. Julho/set. 2002.
- CARVALHO, João Carlos de Paula. **Etnocentrismo: inconsciente, imaginário e preconceito no universo das organizações educativas.** Revista: Interface — Comunicação, Saúde, Educação, 1997 – p. 181.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Les stéréotypes, c'est bien. Les imaginaires, c'est mieux** (Os estereótipos, muito bem. Os imaginários ainda melhor), traduzido por André Luiz Silva e Rafael Magalhães Angrisano (CEFET-MG, 2017)
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações.** 2.ed. Lisboa: Difel, 2002.
- DIJIK, Teun A. Van. **Discurso e poder/**Teun A. Van Dijk; Judith Hoffnagel, Karina Falcone, organização. 2. Ed. – São Paulo: contexto, 2010.
- FREYRE, Gilberto (1900-1987). **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal** / Gilberto Freyre; apresentação de Fernando Henrique Cardoso – 48ª ed. rev. – São Paulo ; Global, 2003. – (Introdução a história da sociedade patriarcal no Brasil)

FILHO, Fernando Pinheiro. **A noção de representação em Durkheim**. Ed. Lua Nova, Nº 61. Ano 2004.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo** – São Paulo: Claridade, 2015. 120 p. : il. –(Saber de tudo)

HUTCHEON, Linda, 1947- **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção** / Linda Hutcheon; tradução Ricardo Cmz. - Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

HOOKS, bell. **Teoria feminista: da margem ao centro**. Ed.2019 – p.130.

Inclusão Social/Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. – vol. 1, n. 1 (out./mar. 2005) – Brasília: Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, 2005 – v. 26 cm. Semestral.

LAURETIS, Teresa de. **A tecnologia de gênero. O feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MACEDO, A. G.; AMARAL, A. L. (Orgs.). **Dicionário da Crítica Feminista**. Porto: Afrontamento, 2005. p. 153-154.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso/Dominique Maingueneau**; tradução Sírio Possenti. – 1.ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MATOS, Marlise. **Movimento e teoria feminista: é possível reconstruir a teoria feminista a partir do sul global?** / Recebido em 20 de novembro de 2009. Rev. Sociol. Polít., Curitiba, v. 18, n. 36, p. 67-92, jun. 2010 Aprovado em 05 de março de 2010.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18.ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOREIRA, Núbia Regina. **A organização das feministas negras no Brasil** / Núbia Regina Moreira. – Vitória da Conquista: Edições UESB, 2011.

MURARO, Rose Marie. **Um mundo novo em gestação/Rose Marie Muraro**. – Campinas: Verus, 2003.

Pensamento feminista: conceitos fundamentais / Audre Lorde...[et al.]; organização Heloisa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. 440 p.

Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto / Angela Arruda... [et al.]; organização Heloisa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. 400 p.

RAJAGOPALAN, Kanavillil, **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala** / Djamila Ribeiro. – São Paulo : Sueli Carneiro ; Pólen, 2019. 112 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro)

SARDENBERG, Cecília. **O pessoal é político: conscientização feminista e empoderamento de mulheres**. Inclusão Social, Brasília, DF, v.11 n.2, p.15-29, jan./jun. 2018

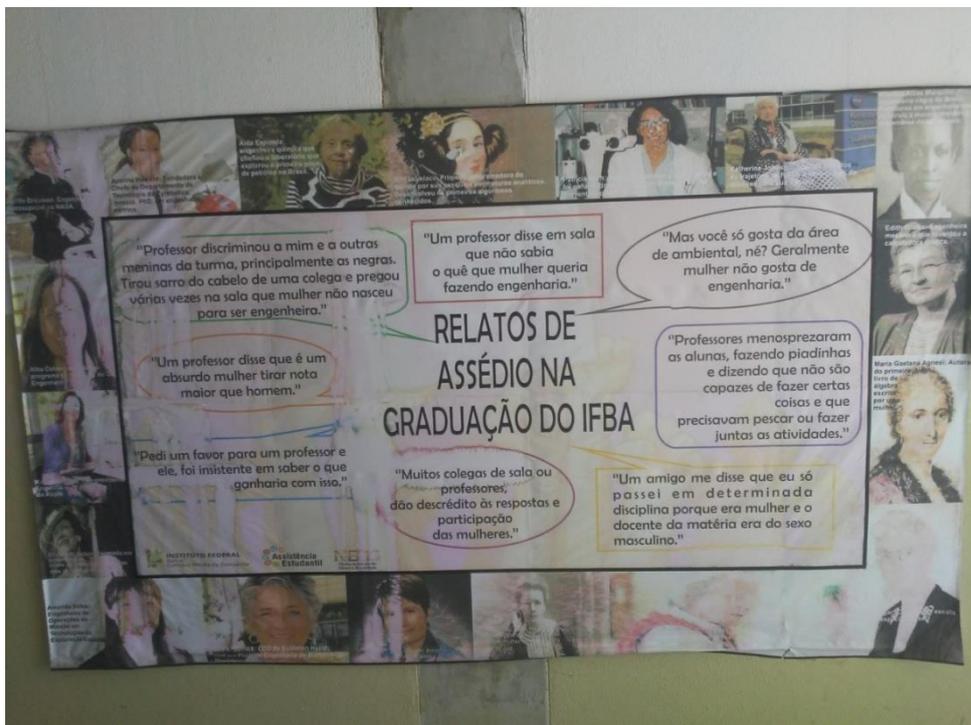
SCOTT, J. W. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Porto Alegre: Educação e Realidade, vol. 20, n. 2, jul.-dez. 1995, p. 1-99.

SORJ, Bila. **O feminismo na encruzilhada da modernidade e pós modernidade**; p 99-107. Organização Heloisa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

SOUSA, L. P.; GUEDES, D. R. **A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década**. São Paulo:Estudos Avançados, vol. 30, n. 87, 2016, p. 123-139.

_____. **Gender: a useful category of historical analysis**. Bloomington: The American Historical Review, vol. 91, n. 5. dec. 1986, p. 1053-1075.

Anexo A





AnexoB

Anexo C



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS,
CULTURA, EDUCAÇÃO E LINGUAGENS

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA

Campus de Vitória da Conquista

MESTRADO EM LETRAS:EDUCAÇÃO, CULTURA E LINGUAGEM

LARISSA SILVA ALVES

QUESTIONÁRIO SÓCIOECONÔMICO

Data de Aplicação: ___/___/___

Nome: _____

Colégio: _____ Série: _____

1. Idade _____

2. Trabalha? _____

3. Se sim, qual a ocupação exercida? _____

4. Estado civil _____
5. Possui filhos? Quantos? _____
6. Com quem você mora?
- A) Com os pais
 - B) Com o cônjuge
 - C) Com familiares
 - D) Com amigos
 - E) Sozinha
 - F) Outro _____
7. Qual a atual situação de moradia de sua família?
- A) Casa própria
 - B) Casa alugada
 - C) Casa financiada
 - D) Casa cedida
 - E) Outra. Qual? _____
8. Qual o principal meio de transporte que você utiliza para chegar ao colégio?
- A) a pé/ carona
 - B) transporte coletivo
 - C) veículo motorizado próprio
 - D) bicicleta
 - E) transporte fretado (van, ônibus)
9. Assinale a alternativa que identifica a sua cor/raça:
- A) Branca B) Preta C) Parda D) Amarela E) Indígena
10. O que você pretende fazer logo após se formar?
- A) Trabalhar
 - B) Ingressar na universidade
 - C) Ambos (A,B)

D) Não tenho a menor ideia

11. Qual sua principal fonte de informação de acontecimentos atuais?

A) Jornal escrito B) Telejornal C) Jornal falado (rádio) D) Revista E) Internet

12. Assinale, com “X”, ATÉ TRÊS os tipos de informações que lhe despertam maior interesse.

A) Política

B) Economia/Negócios

C) Notícias locais/nacionais/internacionais

D) Sociedade e cultura

E) História e filosofia

13. Ainda em relação à questão anterior, assinale ATÉ TRÊS tipos de informações que lhe despertam maior interesse.

A) Cultura e lazer

B) Esportes

C) Veículos

D) Informática

E) Outro. Qual _____

14. Com que frequência você busca essas informações?

A) Diariamente B) Semanalmente C) Ocasionalmente D) Nunca

15. Excetuando livros escolares obrigatórios, que tipo de livro você lê?

(A) Literatura de ficção (romances/contos/poesias/etc.)

B) Literatura de não ficção (ensaios/biografias/ciência/etc.)

C) Livro de auto-ajuda

D) Nenhum

16. Quantos destes livros, aproximadamente, você lê por ano?

A) Entre 1 e 3

B) Entre 4 e 6

C) Entre 7 e 10

D) Mais que 10

E) Nenhum

17. Você utiliza a biblioteca do colégio?

A) Não

B) Raramente

C) Frequentemente, para estudos relacionados as disciplinas da escola

D) Frequentemente, para atividades de lazer e cultura

E) Frequentemente, para atividades C e D

18. Fala algum idioma:

A) Sim _____

B) Não

19. Qual o membro de sua família que mais contribui na renda familiar?

A) Eu mesmo(a)

B) Cônjuge

C) Pai

D) Mãe

E) Mais de uma ou outra pessoa.

Qual(is)? _____

20. Em que escola você fez o Ensino Fundamental e Médio?

A) Pública

B) Privada

C) Privada com bolsa

21. Qual é o nível de escolaridade do seu pai?

(A) Da 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental (antigo primário)

(B) Da 5ª à 8ª série do Ensino Fundamental (antigo ginásio)

(C) Ensino Médio (antigo 2º grau)

(D) Ensino Superior

(E) Especialização

(F) Não estudou

(G) Não sei

22. Qual é o nível de escolaridade da sua mãe?

(A) Da 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental (antigo primário)

(B) Da 5ª à 8ª série do Ensino Fundamental (antigo ginásio)

(C) Ensino Médio (antigo 2º grau)

(D) Ensino Superior

(E) Especialização

(F) Não estudou

(G) Não sei

23. Quantas pessoas moram em sua casa?

A) Uma

B) Duas

C) Três

D) Quatro

E) Cinco

F) Mais de cinco

24. Qual é, aproximadamente, a renda familiar mensal?

(A) Nenhuma renda.

(B) Até 1 salário mínimo (até R\$ 678,00).

(C) De 1 a 3 salários mínimos (de R\$ 678,01 até R\$ 2.034,00).

(D) De 3 a 6 salários mínimos (de R\$ 2.034,01 até R\$ 4.068,00). (E) De 6 a 9 salários mínimos (de R\$ 4.068,01 até R\$ 6.102,00). (F) De 9 a 12 salários mínimos (de R\$ 6.102,01 até R\$ 8.136,00). (G) De 12 a 15 salários mínimos (de R\$ 8.136,01 até R\$ 10.170,00).

(H) Mais de 15 salários mínimos (mais de R\$ 10.170,01).

25. Em que seu pai trabalha ou trabalhou, na maior parte da vida?

(A) Na agricultura, no campo, em fazenda ou na pesca.

(B) Na indústria.

(C) Na construção civil.

(D) No comércio, banco, transporte, hotelaria ou outros serviços.

(E) Funcionário público do governo federal, estadual ou municipal.

(F) Profissional liberal, professor ou técnico de nível superior.

- (G) Trabalhador fora de casa em atividades informais (pintor, eletricista, encanador, feirante, ambulante, guardador de carros, catador de lixo etc.).
- (H) Trabalha em sua casa em serviços (alfaiataria, cozinha, aulas particulares, artesanato, carpintaria, marcenaria etc.).
- (I) Trabalhador doméstico em casa de outras pessoas (faxineiro, cozinheiro, mordomo, motorista particular, jardineiro, vigia, acompanhante de idosos/as etc.),
- (J) No lar (sem remuneração).
- (K) Não trabalha.
- (L) Não sei.

26. Em que sua mãe trabalha ou trabalhou, na maior parte da vida?

- (A) Na agricultura, no campo, na fazenda ou na pesca.
- (B) Na indústria.
- (C) Na construção civil.
- (D) No comércio, banco, transporte, hotelaria ou outros serviços.
- (E) Como funcionária do governo federal, estadual ou municipal.
- (F) Como profissional liberal, professora ou técnica de nível superior.
- (G) Trabalhadora fora de casa em atividades informais (feirante, ambulante, guardadora de carros, catadora de lixo etc.).
- (H) Trabalha em sua casa em serviços (costura, aulas particulares, cozinha, artesanato etc.).
- (I) Como trabalhadora doméstica em casa de outras pessoas (cozinheira, arrumadeira, governanta, babá, lavadeira, faxineira, acompanhante de idosos/as etc.).
- (J) No lar (sem remuneração).
- (K) Outro.
- (L) Não trabalha.
- M) Não sei.

AnexoD

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA

MESTRADO EM LETRAS: CULTURA, EDUCAÇÃO E LINGUAGENS

DISCENTE: LARISSA SILVA ALVES

Campus de Vitória da Conquista

(GUIÃO) ROTEIRO DE ENTREVISTA EM GRUPO

TEMA: O QUE VOCÊ PENSA SOBRE FEMINISMO?

Mediador/observador: _____

Entrevistadas: _____

Data ____/____/____ (_____) Local: _____

Recursos: _____

SEÇÕES	Objetivo da seção	Questões orientadoras	Perguntas de recurso
SEÇÃO 1 Legitimação da entrevista	Entrega do termo de consentimento para as entrevistadas da sala; explicitar o problema de pesquisa, o objetivo e as contribuições do estudo; colocar as entrevistadas na condição de contribuintes; garantir confidencialidade dos dados; explicar o procedimento.		
SEÇÃO 2 HISTÓRIA DOS SUJEITOS	Obter dados sobre a rotina e cotidiano das entrevistadas, com o intuito de conhecê-las; e destacar os papéis que lhe foram atribuídos e assim reproduzidos (inconscientes ou não).	Discorra sobre o seu dia-a-dia, as obrigações diárias e o que faz cotidianamente de costume.	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Como, geralmente, é sua rotina?

<p>SEÇÃO 3</p> <p>CONCEITOS</p> <p>Conceituação: gênero, sexualidade, casamento, família, estudos, amizade, profissão e religião.</p>	<p>Obter dados sobre como as entrevistadas conceituam: gênero, sexualidade, casamento e família, com o objetivo de identificar elementos discursivos que caracterizam os significados e sentido em sua vida, e relacionar com o objeto de estudo.</p>	<p>Como você conceitua gênero, sexualidade, casamento e família?</p>	
<p>SEÇÃO 4</p> <p>FEMINISMO</p>	<p>Obter dados sobre como as entrevistadas entendem o feminismo, se consideram feministas e as concepções sobre o movimento feminista com o objetivo de identificar elementos que caracterizam suas práticas diárias.</p>	<p>Como você vê o feminismo e o que pensa sobre o movimento feminista.</p>	<p>O que você pensa sobre feminismo?</p> <p>E sobre os movimentos feministas?</p>
<p>SEÇÃO 5</p> <p>DESIGUALDADE DE GÊNERO</p>	<p>Obter dados sobre as concepções de desigualdade de gênero (na escola) por cada entrevistada com o objetivo de compreender os papéis sociais da mulher que caracterizam suas práticas cotidianas.</p>	<p>Fale sobre o que você entende por desigualdade de gênero (na escola) e como ele é destacado na sociedade.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ O que vocês entendem por desigualdade de gênero (na escola)? ▪ Já presenciou ou sofreu esse tipo de desigualdade? ▪ O que já deixou de fazer por ser mulher? <p>Citar exemplos</p>

<p>SEÇÃO 6</p> <p>VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES</p>	<p>Obter dados sobre o que entendem sobre violência contra a mulher (emocional, psicológica, abuso mental, moral, física, sexual e patrimonial), com o objetivo de analisar as percepções sobre violência contra a mulher.</p>	<p>O que você entende por violência contra mulher? E sobre abuso, desrespeito e assédio de ambos os sexos?</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Já presenciou violências contra mulheres e de gênero dentro da escola? ▪ De que forma a vítima reagiu a tal opressão? Cite exemplos
--	--	--	--